



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
**SOBRE A UNIVERSIDADE**

**ADAILTON CONCEIÇÃO DE SOUZA**

**A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL NO BI**  
**EM SAÚDE DA UFBA: NOVOS DISPOSITIVOS**  
**INSTITUCIONAIS EM TEMPOS DE MUDANÇA**

Salvador-BA

2015

**ADAILTON CONCEIÇÃO DE SOUZA**

**A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL NO BI  
EM SAÚDE DA UFBA: NOVOS DISPOSITIVOS  
INSTITUCIONAIS EM TEMPOS DE MUDANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade.

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Thereza  
Ávila Dantas Coelho e Prof. Dr. Sérgio  
Augusto F. Fernandes

Salvador - BA

2015

## Ficha catalográfica

**ADAILTON CONCEIÇÃO DE SOUZA**

**A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL NO BI  
EM SAÚDE DA UFBA: NOVOS DISPOSITIVOS  
INSTITUCIONAIS EM TEMPOS DE MUDANÇA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**Banca examinadora**

José Francisco Miguel Henriques Bairrão \_\_\_\_\_  
Doutor em Filosofia pela Unicamp  
USP

Kátia Jane Bernardo \_\_\_\_\_  
Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Estadual da Bahia

Mônica de Oliveira Nunes \_\_\_\_\_  
Pós Doutora em Antropologia pela Universidade de Paris  
Universidade Federal da Bahia

Aos meus “pais e mães” pelo dom da vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, princípio e fim de todas as coisas, pelo dom da vida. Tudo que faço é por um mundo menos “desumano” e a fé me dá suporte na labuta da vida. A minha escrita de agradecimento é perpassada por muitos que compõem as cenas da minha vida. Sempre fui um apaixonado pela educação e, acredito, não é por acaso que cheguei até aqui com a eleição deste tema. Desejo contribuir com aqueles que almejam construir novos horizontes.

Minhas práticas profissionais têm sido, desde 2008, atravessada pelo amor aosaber e as pessoas. Estar em sala de aula me permite aprender sempre, pois é na trama da vida e das relações que nos tornamos o que somos. Em tempos de (des)orientação, acredito que temos muitos a contribuir com as novas gerações, que não se limitam a idade cronológica, mas ao desejo de aprendizado constante, que anseiam norteamentos e ajuda na confecção de seus projetos de vida e profissional .

Agradeço, portanto, a todos os alunos e alunas que têm me encantado e me permitido trilhar um caminho singular de amadurecimento e crescimento profissional. Sete anos se passaram e continuo me arrepiando em sala de aula ao ver a beleza que eles são, mesmo quando ainda não se deram conta. Em muitos momentos, me sinto aprendiz de cada um de vocês. Oxalá que esse amor perpassasse toda a minha vida! É revigorante!!!

Agradeço a minha família tão extensa, “tia”, “mãe”, “pai”, “meu pai”, minha mãe biológica, namorado, primos, irmãos, primos-irmãos, irmãos e irmãs de ministério, grupo de canto, amigos e tantos outros e outras que acreditaram em mim, me fazendo ir além. Principalmente aos muitos professores e professoras, agradeço!

Agradeço também ao meu analista Romilson. Sua escuta libertadora me faz cantar cotidianamente: “Hoje livre sou!”. A liberdade responsável é uma dádiva!

Agradeço também a Jack, sempre presente em minha vida, desde a metade do curso de Psicologia na FTC. Foi minha primeira orientadora de TCC, estágio e agora coordenadora e parceira. Estar com ela é sempre motivo de alegria, pois muito fazemos

pela formação das pessoas que tanto almejam “SER”. Como ela tem dito ultimamente, nossa maior riqueza são nossos amigos. Sem sua ajuda constante, aqui eu não estaria.

A minha parceira da “zueira”, professora Laiz Cardozo, agradeço pelo apoio nos momentos em que precisei na FTC. Que essa parceria seja de longa data.

Em relação a Thereza Coelho, só tenho a louvar a Deus pela mais que presente orientadora. Você é um presente para nós, seus orientandos. Espelho-me muito em seu compromisso ético, político e afetivo para poder continuar caminhando na docência. Por muitas vezes pensei em desistir, mas sua presença motivante me fez caminhar, até quando não mais acreditava... Essa escrita também é sua escrita.

Ao professor Sérgio Fernandes, obrigado pela capacidade de bem ler, pontuar, ponderar, analisar aquilo que muitos nem se dão conta. Sua escrita enriqueceu a minha escrita.

Ao meu companheiro, Anailton dos Anjos, agradeço pela companhia e vida partilhada que enriquece a ambos, nesses últimos anos. Sua presença é um presente! Na dor e na alegria, caminhamos...

Agradeço também a Katia Jane, primeira coordenadora do meu curso de psicologia na FTC. Foram três semestres que marcaram pra sempre minha formação. Não é à toa que hoje estás também nesse encontro de saberes.

Aos meus colegas das Ciências Sociais, sou grato pelo olhar crítico que aprendemos e lançamos cotidianamente sobre o mundo e nós mesmos. Nosso curso é revolucionário sempre!!! Somos subversivos...

Que falar de Mônica Nunes, minha primeira orientadora de iniciação científica? Quanta saudade de nosso grupo no ISC... Era o lugar do saber e do bem viver. A equipe era sensacional e foi lá que aprendi a gostar de fazer ciência, da pesquisa qualitativa... Foi lá que percebi que ciência com afeto afeta! Uma honra tê-la!

Ao professor “Bairrão”, agradeço pela disponibilidade para avaliar. Escolher sua perspectiva metodológica me foi um desafio. Mas, ousamos! Ainda sou desejoso de mais saber...

Imensamente agradeço aos sujeitos, graduandos do BI em Saúde, que possibilitaram a existência dessa tessitura. Com vocês, podemos repensar os rumos do ensino superior

brasileiro e, em especial, o de nossa UFBA. Qual imensurável foi poder ouvi-los ao partilhar suas trajetórias...

Ao meu grupo de pesquisa atual, muito obrigado, vocês estão nessa escrita. Em especial a Júlio pela ajuda em vários sentidos. Você está mais que presente! Nossas quintas feiras foram de muita produção. Obrigado pelos elogios e correções. Pude me descobrir ao estar com vocês. Ao fazer, vamos nos tornando o que fazemos, sendo o que ainda não somos.

Aos grupos que faço parte, além academia, obrigado pela ajuda constante e pela partilha nos momentos de angústia. Todos nós podemos ir além, e isso não se resume apenas ao espaço acadêmico, pois há muito a construir neste mundo e variados são os espaços.

Como só tenho o hoje e minha vida é só um instante, obrigado!!! Muito obrigado!

Todos vocês me ajudaram de alguma forma e sei que meu nome que, segundo uma irmã, tem como pano de fundo o seguinte significado “aquele que ajuda”, não é em vão. Ajudamos-nos uns aos outros. É próprio da vida! Talvez seja a nossa missão existencial concretizar a sentença: “É próprio da amizade que os amigos desfrutem uns dos outros.”

Até aqui Ele nos ajudou, Me ajudou... e continuará a ajudar! Obrigado, Senhor!

“Eu demorei muito tempo pra escolher o que eu queria ter de valor, porque eu tinha dois exemplos de valor muito diferentes e eu demorei muito tempo pra saber qual dos dois eu iria escolher... eu escolhi os valores de minha família pobre...”.

Entrevistado na pesquisa

SOUZA, Adailton Conceição de. A orientação acadêmica e profissional no BI em Saúde da UFBA: novos dispositivos em tempos de mudança. 87 f. 2015. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

## RESUMO

Nos últimos anos, as transformações políticas, sociais, culturais e econômicas têm impactado profundamente a universidade e seu modus operandi, reverberando em mudanças pedagógicas e curriculares. A entrada na vida universitária, marcada por (im)passes, tem sido transformada em objeto de estudo científico. No modelo de formação interdisciplinar proposto pelo Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, a orientação acadêmica e profissional pode possibilitar a construção de estratégias coletivas e singulares de entrada/pertencimento à vida universitária e tem se configurado como um dispositivo institucional que pode favorecer a produção de estratégias para lidar com as demandas universitárias, podendo também favorecer a implicação dos sujeitos, respeitando a dimensão temporal dos percursos e itinerários de cada um. O objetivo do presente trabalho é analisar as contribuições da orientação acadêmica e profissional aos processos formativos dos discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Este estudo foi realizado numa abordagem qualitativa, a partir das contribuições da etnopsicanálise e da escuta participante realizada no grupo de orientação acadêmica e profissional. Utilizou-se também entrevista semi estruturada com cinco alunos participantes deste mesmo grupo. A análise se deu a partir do referencial da etnopsicanálise e da revisão de literatura sobre o tema. A orientação acadêmica e profissional tem se configurado como espaço de elaboração das vivências e desafios da Universidade, construção de trajetórias formativas, vinculação institucional e intelectual, bem como outros dilemas que perpassam o ser universitário na sociedade contemporânea. Espaços de escuta e acolhimento na universidade contemporânea são imprescindíveis para auxiliar o alunado na construção de seu itinerário acadêmico, elaborando questões de ordem prática, curricular, subjetiva e relacional.

**Palavras-Chave:** Orientação acadêmica e profissional. Etnopsicanálise. Universidade. Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Afiliação.

## ABSTRACT

In recent years, the political, social, cultural and economic transformations have profoundly impacted the university and its modus operandi, reverberating in pedagogical and curricular changes. The entrance into the university life, marked by (im) passes, has been transformed into object of scientific study. In the interdisciplinary training model proposed by the Bachelor Interdisciplinary in Health , the academic and professional guidance can enable the construction of collective and individual strategies in the entrance / belonging into the university life and has been configured as an institutional device that can promote the production of strategies to deal with university demands, it may also favor the implication of the subjects, respecting the temporal dimension of routes and itineraries of each one of them. The objective of this study is to analyze the contributions of academic and professional guidance to educational processes of students of the Bachelor Interdisciplinary in Health. This study was conducted in a qualitative approach, based on the contributions of ethnopschoanalysis and participatory listening held in the academic and professional guidance group. Also used semi-structured interviews with five students participating in this group. The analysis was performed based on the reference of ethnopschoanalysis and literature review about the topic. The academic and professional guidance has been configured as preparation space of the experiences and challenges of the University, construction of training trajectories, institutional and intellectual affiliation as well as other dilemmas that permeate the subject university in contemporary society. Spaces of listening and reception in contemporary university are essential to assist the students in building their academic itinerary, elaborating practical, curriculum, subjective and relational issues.

**Keywords:** Academic and professional guidance. Ethnopschoanalysis. University. Bachelor Interdisciplinary in Health. Affiliation.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BI Bacharelado Interdisciplinar

BIS Bacharelado Interdisciplinar em Saúde

CEP/IMES Comitê em Pesquisa Instituto Mantenedor de Ensino Superior

CONEP Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CPL Cursos de Progressão Linear

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

IHAC Instituto de Humanidades, Artes e Ciências

REUNI Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SISU Sistema de Seleção Unificada

UFBA Universidade Federal da Bahia

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 A UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>3 A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL: BREVE HISTÓRICO E PROPOSTA INSTITUCIONAL.....</b>	<b>24</b>
<b>4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>37</b>
4. 1 Desenho do Estudo.....	37
4. 2 Referencial Teórico e metodológico.....	42
4. 3 Procedimentos no Campo.....	47
<b>5 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA VIDA UNIVERSITÁRIA.....</b>	<b>49</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro para entrevista com os estudantes.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO A - Documento de autorização da unidade da Instituição.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o nascimento e avanço da modernidade, transformações aconteceram provocando o solapamento dos fundamentos que norteavam o “ocidente europeu”. A burguesia, nascente classe social, ascendendo ao poder, produziu e/ou deu novas roupagens às instituições, saberes e práticas, com o intuito de legitimar os espaços que começavam a ocupar, produzindo discursos que estruturavam as novas (des)ordens. Dentre as instituições, a universidade teve seu modo de produção de saber também modificado, pois já não mais estava sob a égide do teocentrismo, visto que o homem foi colocado no centro, dando-se início ao antropocentrismo. A fé deu lugar à razão. “Deus morreu”, visto que o teocentrismo perde espaço considerável no que se refere à interpretação de mundo e da vida social. A ciência positivista e a coletividade dão espaço ao nascimento do indivíduo e, conseqüentemente, de novas subjetividades.

Novos ventos, novos cenários e sujeitos, eis que o tempo das mudanças avançou. Os espaços se ampliaram, os tempos livres foram reduzidos, alterações se deram inclusive na arquitetura geográfica, visto que populações que se concentravam nas zonas rurais foram forçadas a se adaptarem aos processos de urbanização. A noção de tempo foi alterada quando passou a ser controlada em excesso e pensada sempre em progressão, visto os tempos de produção de capital se imporem e o progresso apresentar-se como uma ideia entranhada no modernismo. Para muitos, a marca da modernidade é a mudança e, conseqüentemente, as crises provocadas pelas rupturas em seus fundamentos institucionais, religiosos, políticos, culturais, econômicos, científicos, subjetivos etc.

A universidade, uma das herdeiras do antigo regime, ainda hoje passa por transformações. Se avançarmos no tempo e espaço e aterrissarmos em terras brasileiras, perceberemos que várias questões ainda hoje atravessam o organismo vivo que é a universidade e, em nosso caso, a Universidade Federal da Bahia (UFBA). A mesma UFBA tem passado por uma reforma denominada Universidade Nova, dentro de um contexto político mais amplo, que tem possibilitado mudanças nos princípios pedagógicos, na arquitetura curricular, nas formas de acesso e permanência dos novos discentes.

Tratado de Bolonha na Europa, Universidade Nova no Brasil, eis os ventos de mudanças que por aqui passam (PENA-VEGA, 2009). O Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) tem sido considerado o instrumento que permite expandir e defender a universidade pública, gratuita e de qualidade, bem como o desenvolvimento autônomo e conjugado de seu caminho de desenvolvimento, neste tempo propício de mudanças paradigmáticas, revolução científica e quebra das fronteiras disciplinares, ou melhor, momento em que as fronteiras se tornam tênues e novas formações vão se delineando (UFBA, 2007).

Os ares europeus, oriundos do processo de Bolonha, começaram a fomentar o desejo de reforma nas universidades públicas brasileiras. Propõe-se, então, inspirados nos princípios e conceitos da escola nova de Anísio Teixeira, uma modificação radical no desenho curricular dos cursos de graduação (ALMEIDA-FILHO & SANTOS, 2008). A universidade, atenta aos ventos da transformação, passatambém a ser considerada como objeto de Investigação Científica, *lócus* de pesquisa profícuo, visto sua complexidade historicamente pouco discutida. Nesse contexto, surge, em 2011, o Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Professor Milton Santos, da UFBA, com o objetivo de promover discussões sobre a universidade, numa perspectiva interdisciplinar.

A presente dissertação objetiva discutir sobre as contribuições da orientação acadêmica e profissional – atividade criada no âmbito dos Bacharelados Interdisciplinares – aos discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Adotamos como pressuposto o pensamento de Coulon (2008), segundo o qual um tempo se faz necessário para a elaboração da passagem para a condição de estudante e membro da vida universitária, por parte do aluno. Nessa direção, analisaremos algumas temáticas que têm surgido no processo de orientação acadêmica e profissional, almejando refletir sobre as mesmas.

## 2 A UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

O termo universidade, conforme Wanderley (2003), liga-se a outros como cultura, pesquisa, ensino superior, autonomia e que devem ser compreendidos e analisados conjuntamente. Assim como outras instituições, a universidade é atualmente questionada no tocante a sua função e relevância social. Algumas questões se colocam nesta seara: qual o sentido da universidade? A quem serve? Que caminhos a mesma está trilhando?

Para compreender a universidade se faz primordial entender as estruturas e os processos sociais da sociedade na qual a mesma está inserida. As forças sociais que atuam sobre a universidade são diversas e devem ser examinadas. Nos países capitalistas, as universidades apresentam um grau de autonomia e de avanço tecnológico variável. Há ainda as diferenças, quando comparadas as universidades dos países centrais com as dos ditos periféricos. Dessa forma, as relações de poder recortam a universidade em diferentes instâncias. Articulado ensino, pesquisa e extensão, a universidade tem uma relativa autonomia, principalmente quando consideradas as forças políticas e dos governos, bem como as pressões dos setores privados dominantes (WANDERLEY, 2003).

A universidade deve ser lida nesse contexto de contradição que é a sociedade capitalista. Ela é também uma instituição social que forma, de maneira sistemática e organizada os profissionais que a sociedade necessita. Enquanto território do saber, essa instituição produz intelectuais orgânicos das classes dominantes e também das subalternas. Sendo assim, deve ser analisada nesse lugar de contradição. A universidade é também o lugar do pluralismo das ideias, da liberdade de pensamento (WANDERLEY, 2003).

Estudos sobre a universidade têm sido recentemente realizados, objetivando possibilitar reflexões sobre a Instituição que é responsável não apenas pela criação, consolidação e perpetuação do saber científico, mas pela sua maior riqueza, a saber, as pessoas que a compõem. De acordo com Almeida Filho e Santos (2008), há três crises com as quais a universidade pública brasileira, no geral, se defronta: crise de hegemonia, crise de legitimidade e crise institucional. Essas crises são produzidas devido às novas configurações da sociedade contemporânea, perpassadas por dimensões

culturais, políticas, econômicas e subjetivas. Diante das crises, cabe responder com estratégias capazes de possibilitar novos rumos, novos traçados.

Nos últimos anos, afirma Santos (2011), as transformações políticas, sociais, culturais e econômicas têm impactado profundamente a universidade e seu *modus operandi*. A referida instituição não é mais hegemônica no que se refere à produção do conhecimento. Há reivindicações das classes populares que almejam adentrar no ensino superior, mudanças no mercado de trabalho, redução dos investimentos por parte dos órgãos governamentais e imposição do modelo neoliberal capitalista que, dentre outras coisas, tem investido agressivamente no “mercado” do ensino superior, transformando instituições de ensino em empresas, buscando maximizar a sua rentabilidade.

Ainda segundo Santos (2011), a universidade pública tem características singulares que a difere das instituições privadas, apesar das transformações da educação superior terem constituído um novo mercado educacional que atualmente possui caráter transnacional. As novas contingências, desse modo, tensionam a instituição universitária, cabendo a ela propor novas respostas à nova realidade que se coloca.

A proposta de reforma universitária, denominada Universidade Nova, tem buscado resgatar a instituição universitária como casa da cultura, defendendo uma reestruturação radical da arquitetura curricular da instituição, que foi fundada na Idade Média, compondo um currículo que se entrelaçava com o espírito da época (ALMEIDA FILHO, 2007). Talvez a universidade de hoje não esteja com um currículo adequado aos novos tempos, visto termos passado por mudanças significativas nos últimos anos, às quais as instituições educacionais não têm respondido acertadamente. Apesar dessas dificuldades, a nova UFBA tem proposto mudanças. Diante das crises da modernidade, transformações são almejadas por setores da universidade, para adequarem-se aos novos tempos, tempos nos quais a própria noção de tempo, espaço e de formação tem sido alterada, ainda mais com o advento das novas tecnologias.

Para Wanderley (2003), as pressões sociais e políticas tem impactado a universidade a partir das mudanças propostas pela reforma universitária, fazendo com que haja a massificação da universidade. Se outrora, era apenas espaço de formação das elites, hoje o cenário se reconfigurou gerando, dentre outras coisas, a criação de uma

oferta de mão de obra qualificada bem superior à demanda do mercado de trabalho, ocasionando desvalorização de algumas profissões. O crescimento do alunado não encontra correspondência com o crescimento econômico. Muitos estudantes veem seu futuro de forma pessimista. A redução na qualidade do ensino ofertado também é outro aspecto a ser considerado em tempos de mudança.

O Bacharelado Interdisciplinar surgiu no ano de 2009, após deliberação do Conselho Universitário da UFBA. Dessa forma, a universidade tem passado por transformações pedagógicas e curriculares, aproximando-se, sobremaneira, da epistemologia interdisciplinar, que promove tensionamentos na concepção tradicional de ciência. O processo seletivo da universidade também foi modificado, dando-se hoje, exclusivamente, pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Todo esse processo ocorre numa conjuntura favorável, apesar dos entraves institucionais enfrentados, visto que as mudanças, em alguma medida, provocam também resistência nas pessoas que compõem a Instituição. A participação do então Reitor Naomar de Almeida Filho foi fundamental nesse ínterim, aliado ao corpo docente e parcelas da sociedade civil organizada, que anelaram transformações (TEIXEIRA & COELHO, 2014).

Segundo Almeida Filho (2007), na modernidade europeia a escolástica medieval foi substituída pela ideia de humanidades, que se ligava ao novo conceito de homem livre, da sociedade capitalista nascente, revelando impactos do iluminismo na cena cultural da época. A ciência ocidental se desenvolveu na noção de especialidade e seus correlatos, valorizando a formação de especialistas, fragmentando o “objeto” científico e sobrevalorizando a disciplinaridade. As humanidades e as ciências, dessa forma, ficaram prejudicadas, pois os cientistas se mantiveram indiferentes e desconhecedores de seus pares. Problematizando esse *modus operandi*, o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA, criado a partir do REUNI, objetiva formar estudantes com visão crítica, capazes de desenvolver constantemente a autonomia, levando em conta as implicações subjetivas dos discentes em seu processo formativo.

Morin (2008) afirma que a universidade atual ainda é marcada profundamente pela lógica da especialização exacerbada e da disciplinaridade, onde os saberes são fragmentados e compartimentados, não estabelecendo, assim, ligações entre si e com a vida social. Diante de problemas e de um mundo cada vez mais complexo, urgem

saberes mais polidisciplinares e globais, que atendam não só às demandas do mercado de trabalho, mas às sutis e gritantes demandas das relações contemporâneas.

Para Mancebo (2008), novos cotidianos têm se instaurado nas universidades brasileiras que tem relação com as transformações sociais, principalmente aquelas relacionadas ao mundo do trabalho da sociedade capitalista hodierna. Esse fenômeno deve ser entendido dialeticamente. As novas tecnologias têm impactado sobremaneira a relação dos sujeitos com o tempo e o espaço, aumentando também a carga de trabalho dos professores, demais trabalhadores e dos alunos. Se outrora o sistema capitalista estava organizado pelo modelo taylorista fordista, que implicava certa relação com a produção de bens e organização do tempo mais próxima a ideia de linha de montagem e de produção de massa, e que aglutinavam os trabalhadores no mesmo espaço, no tempo presente o sistema financeiro tem se internacionalizado e havido efeitos no mercado de trabalho e na formação universitária.

Essas mudanças têm relação com os aspectos ideológicos do neoliberalismo. O que hoje se verifica é a presença da ideia de um trabalhador flexível; sendo assim, a própria formação tornar-se-á flexível, pois ao trabalhador é exigido dominar as novas ferramentas, multihabilidades, quebra das fronteiras, não rigidez e preparação para as imprevisibilidades e uma maior agilidade na produção e na vida. Constata-se, também, transformação nas identidades profissionais, pois estas são relativizadas e repensadas. Não é à toa que a lógica disciplinar é questionada, havendo a presença de novos discursos que convocam os sujeitos a pensar multiprofissionalmente, interdisciplinarmente, transdisciplinarmente ou a partir da noção de dinâmica social complexa. O profissional do novo milênio é, portanto, marcado pelos novos ritmos da vida de uma sociedade flexível, atravessada pela reestruturação do sistema capitalista (MANCEBO, 2008).

Apesar dessas transmutações, há quem defenda que o objetivo da universidade ultrapassa a lógica capitalista, pois ela deve contribuir para o cultivo de valores e princípios que transcendam o tempo (MORIN, 2008). Portanto, reformar a universidade perpassa pela reforma do pensamento. Não há reforma da universidade sem reforma do pensamento e conseqüentemente da sociedade. Não havendo isso, todas as reformas fracassam. Verifica-se que a crise da universidade insere-se numa crise maior, que é a da educação, imersa em um contexto perpassado por outras crises. Diante disso, as

reformas multiplicam-se: disciplinares, políticas, demográficas, socioeconômicas, éticas, globais e/ou locais. O processo de Bolonha possibilitou novos posicionamentos da União Europeia no contexto educativo universitário, o que tem provocado mudanças na América Latina, contribuindo para a formulação de novos desenhos curriculares e perfis profissionais (PENA-VEGA, 2009).

A maioria dos cursos de nível superior no Brasil segue a lógica da formação profissional, muitas vezes enfocando apenas a dimensão técnica em detrimento da dimensão cidadã e social. Em se tratando dos cursos de pós-graduação, essa tendência também impera. A proposta do BI provoca alterações nesse modelo, pois flexibiliza a ideia de grade curricular e coloca o aluno na posição de sujeito no que se refere à construção de seu itinerário formativo. Sabe-se que o processo de elaboração do projeto pedagógico do BI em Saúde foi marcado por desafios no tocante a sua implantação, visto que muitas foram as vicissitudes encontradas no cotidiano da UFBA, enquanto instituição que possuía apenas um único modelo de formação: o profissional (TEIXEIRA & COELHO, 2014).

A entrada na vida universitária, um dos territórios da construção do saber, é marcada por (im)passes, tendo sido transformada em objeto de estudo científico, podendo, então, ser analisada como uma passagem, no sentido etnológico do termo, perpassada por três momentos que, apesar de singulares, mantêm relações entre si. São eles: o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo de afiliação (COULON, 2008). No ensino superior, não há uma linearidade nos percursos dos sujeitos, mas uma diversidade de vivências e estratégias que podem ajudar a compreender como se dão os processos de afiliação, ou melhor, as afiliações.

Analisando as contribuições do etnógrafo Van Gennep, a partir da releitura de Silva e Ludorf (2012), considera-se que há, em diversas sociedades, ritos que marcam simbolicamente os papéis sociais que serão desempenhados pelos sujeitos. Os sujeitos ocupam sempre um lugar na estrutura social e é a partir daí que as relações são organizadas e estabelecidas. Dessa forma, o rito organiza aquele que compartilha a existência em um determinado grupo cultural. Pensar sobre a complexidade da experiência humana é deparar-se, portanto, com os diferentes ambientes sócio culturais que possibilitam a construção da humanidade em sua diversidade.

O rito de passagem é um período intermediário e temporário de incerteza e de crise, ou seja, um intervalo que abre a possibilidade para que o sujeito cultural possa refletir sobre sua existência na sociedade, é uma travessia, um momento em que não se está nem de um lado e nem de outro. Todo sistema social é rico em ritos, entretanto verifica-se que nas sociedades ocidentais ditas pós-modernas há pouco espaço de elaboração dessa passagem, apesar disso, os rituais estão presentes em nosso cotidiano, mesmo que não tão evidentes. Nos ritos de passagem, mecanismo que permite a separação e incorporações dos valores de um determinado grupo social, há três etapas que os sujeitos devem passar: 1. A fase de separação; 2. O período de latência; 3. A fase de agregação (SILVA & LUDORF, 2012).

A separação é um momento preliminar, no qual o indivíduo rompe com o mundo anterior, com o espaço habitual onde ocorrem os processos iniciais de socialização. O período de latência pode ser visto como o “não lugar”, a travessia, o momento no qual o sujeito está entre lugares. Já na agregação, o sujeito é incorporado a outro lugar. Em algumas culturas há a presença de sinais que marcam a passagem feita: sinais, signos, marcas corporais, novos nomes utilizados, cargos, posições. Enfim, a passagem se dá quando um novo lugar social é ocupado e incorporado pelo indivíduo (SILVA & LUDORF, 2012).

No presente trabalho, consideramos que a universidade é uma instituição que possui características em sua dinâmica institucional, que proporciona vivências novas ao alunado que advém de espaços outros, possuidores de outras dinâmicas. Sendo assim, afirmamos, de antemão, que a universidade contemporânea deve atentar para estas e outras questões, caso queira aprofundar o conhecimento sobre si mesma e seus atores.

Em se tratando da formação acadêmica, a relação com o saber é sempre uma relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. O ofício de estudante, argumenta Coulon (2008), é um produto/processo que permite ao sujeito tornar-se e sentir-se um verdadeiro universitário que, aos poucos, tem acesso a universos fora do mundo trivial:

Aprender este ofício é afiliar-se à universidade, tanto do ponto de vista Institucional como numa perspectiva intelectual. Não basta entender as regras da universidade; convém, ainda, ser capaz de jogar com elas,

descobrir as exceções e até saber como contorná-las. (...) A vida social cria-se constantemente, através das ações dos “membros”. Estes são aqueles que compartilham os mesmos etnométodos, isto é, as mesmas práticas locais e interativas de categorização e interpretação que geram os mesmos códigos implícitos (COULON, 2008, p.10 e 12).

De acordo com Teixeira e Coelho (2013), a formação dos profissionais de saúde, nos contextos universitários brasileiros, é marcada por uma visão fragmentada dos processos de saúde-doença, que se reflete nas intervenções. As demandas atuais do SUS acabam sendo não atendidas perante esse quadro. É numa tentativa de transformar essa e outras situações, que surgem processos de (re)formulação da educação superior, como a criação dos Bacharelados Interdisciplinares. A orientação acadêmica, nesse contexto, serve como um dispositivo institucional que objetiva auxiliar os alunos nos diferentes itinerários formativos, levando em conta dimensões objetivas e subjetivas que compõem a realidade.

Para Santos e Almeida-Filho (2008), a entrada na universidade, no modelo tradicional, é feita muito precocemente, tendo o aluno que escolher uma profissão, visto que não se vivencia a universidade, mas a profissão desde o primeiro semestre e, conseqüentemente, o modelo formativo disciplinar. A proposta do BI em Saúde também opera um corte nesse modelo, pois faz com que os estudantes adentrem a Universidade e, posteriormente, a partir de suas vivências, façam suas escolhas com maior grau de maturidade e conhecimento. Dessa forma, a orientação acadêmica está situada num contexto de reestruturação da universidade, trazendo, assim, as marcas e tensões da interdisciplinaridade, num contexto majoritariamente disciplinar (SAMPAIO, 2011).

O discurso disciplinar descarta a necessidade de diálogo com a universidade e suas culturas, pois, através dele, se formam especialistas. Na Universidade Nova, o alunado é convocado a experimentar e vivenciar a universidade e as três culturas: humanística, artística e científica. Nesse novo cenário, a ideia de grade escolar é significativamente alterada, visto que também remete a algo padronizado, formatado, fechado e delimitado. Forma-se, nesse modelo herdeiro do século XIX, especialistas. Ao se propor uma formação universitária interdisciplinar, há novas configurações possíveis, mais abertas e fluidas. Não se nega o valor da disciplinaridade (pois é importante pensar os fenômenos dialeticamente), mas a prevalência desta é questionada, ainda mais em tempos de reestruturação produtiva e tecnológica (SAMPAIO, 2011).

Diante das novas configurações do ensino superior brasileiro, é também relevante analisar as contribuições que o processo de orientação acadêmica e profissional pode possibilitar na construção de estratégias coletivas e singulares de entrada/pertencimento à vida universitária. A orientação acadêmica e profissional tem se configurado como um dispositivo institucional que pode favorecer a produção de estratégias para lidar com as demandas universitárias, podendo também favorecer a implicação dos sujeitos, respeitando a dimensão temporal dos percursos e itinerários de cada um, ou seja, a singularidade, sobretudo em “tempos modernos”, nos quais se afirma que “tempo é dinheiro” (SAMPAIO, 2011).

O que se constata é que a universidade brasileira não tem o hábito de dar visibilidade aos atores que compõem sua complexa e dinâmica cena. A mesma não possui, historicamente, estudos sobre si mesma e sobre os itinerários e dilemas dos diferentes grupos de jovens e adultos que por ela circulam, pois os concebe como usuários apenas de seus serviços educacionais. É na universidade que parcela considerável de jovens realiza a transição para a vida adulta, pois temos como um dos demarcadores dessa passagem a escolha e efetivação da profissão (SAMPAIO, 2011).

A sociedade brasileira, nos últimos anos, tem passado por transformações significativas, pois estudantes das camadas sociais menos abastadas têm entrado na universidade, provocando a necessidade de repensar a dinâmica institucional, visando a permanência deste público e de outros. A orientação é, portanto, estratégia de necessidade primeira.

Imbuídos de conhecimentos socioantropológicos, sabe-se que variadas culturas produziram, em seu ínterim histórico-cultural, formas de demarcar as diferentes etapas da vida. Os ritos de passagem, portanto, fazem parte da organização da existência humana. Para muitos pensadores das ciências humanas, os rituais são demarcadores simbólicos profundos, pois marcam uma transição, aferindo novos papéis aos sujeitos. Valoriza-se, então, ao realizá-lo, o indivíduo dentro de um contexto grupal. Um ritual será profícuo, quando a estrutura social for forte, perpassado pelo sentimento da existência de uma coletividade, de um espírito coletivo. Em linguagem durkheimiana, poderíamos dizer da existência de uma consciência coletiva que é maior que a soma dos indivíduos (DURKHEIM, 2004). O todo, nesse caso, seria maior que a soma das partes. Na sociedade “líquido-moderna”, sendo os laços mais frouxos, isso não se daria, pois,

em se tratando de sociedades ocidentais, há pouco espaço para os ritos de passagem. A perda desses laços favorece a fragmentação no tecido social e, conseqüentemente, a fomentação de homens sem gravidade (DURKHEIM, 2004; BAUMAN, 2010; MELMAN, 2003).

### **3 A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL: BREVE HISTÓRICO E PROPOSTA INSTITUCIONAL**

Constata-se que, no primeiro ano universitário, há considerável evasão de estudantes, o que traz uma série de prejuízos, inclusive de ordem financeira, aos cofres do Estado/União, que é mantido com os impostos da coletividade. A evasão é um fenômeno que ocorre em várias universidades, não apenas brasileiras (COULON, 2008). Sendo assim, é relevante analisar o porquê desse fenômeno. Estima-se que 40% dos indivíduos que são aprovados nos vestibulares das universidades públicas federais e estaduais abandonam os cursos antes de seu término (GOMES, 2008). Constatada tal atitude, indagamos, portanto, o seguinte: quais ações são feitas para modificar essa situação? A relação com o trabalho conjuga-se às demais áreas da vida dos indivíduos, impactando-as positiva e/ou negativamente.

Em se tratando da cena universitária brasileira, ainda de cunho elitista e que responde à lógica neoliberal, marcada pela exclusão de considerável parcela da sociedade, urge a necessidade de novos modelos que possibilitem uma transformação social, cultural e econômica (ALMEIDA FILHO, 2007). A mudança no ensino superior tradicional traduziu-se, também, na construção de novos perfis discentes e na construção de um novo modelo de ensino superior, pois neste os estudantes são encorajados a tornarem-se sujeitos responsáveis por suas próprias vidas, em vez de apenas escutarem o que devem fazer (PENA- VEGA, 2009).

Para Almeida-Filho (2014), a nova modalidade de ensino superior, denominada Bacharelado Interdisciplinar (BI), foi iniciada no contexto da Reforma Universitária de 2008, trazendo, em seu bojo, contribuições de pensadores como Anísio Teixeira que, já na década de 1930, propôs um novo modelo de arquitetura curricular. O BI é uma formação baseada no regime de ciclos, que visa corrigir problemas da formação profissional-disciplinar. No regime tradicional e ainda hegemônico de ensino superior, o

aluno é forçado a tomar a decisão da escolha profissional muito cedo, sendo que isto traz uma série de consequências, dentre as quais a não vivência de estudos mais gerais, pois os currículos profissionalizantes são fechados e disciplinares. No regime de ciclos proposto pela Universidade Nova, tenta-se evitar a precocidade da escolha, flexibilizar as estruturas curriculares, integrar a graduação à pós-graduação e fomentar modelos de formação interdisciplinar, objetivando também alterar os números alarmantes de evasão, que têm sido alvo de políticas públicas estatais. Almeja-se, também, transformar a educação superior, ainda marcada pela tradição conteudista, fragmentada, disciplinar, tecnicista e impessoal.

De acordo com Rocha (2014), as mudanças tecnológicas e científicas, que marcam a contemporaneidade, têm propiciado crises em diversas instituições, bem como no mundo do trabalho e no cotidiano das pessoas. A globalização econômica, planetarização política e mundialização da cultura tem se desdobrado também no ambiente acadêmico. As transformações, no mercado de trabalho, têm gerado questionamentos no que se refere à formação superior, como, por exemplo, àqueles vinculados às competências e habilidades necessárias ao desempenho profissional. Mudanças também têm ocorrido nos processos de ensino e aprendizagem no ambiente acadêmico, bem como na arquitetura curricular.

No exercício de nossa prática docente e atuação com grupos, temos percebido os efeitos da escuta, quando esta possibilita a implicação dos sujeitos, no que diz respeito às suas questões. Sendo assim, quais espaços teria a universidade para a escuta das questões trazidas pelos discentes? E a UFBA Nova, como se posiciona perante esta questão? Consideramos que a construção de uma universidade mais democrática, que saiba lidar com a diversidade que constitui a vida social é tarefa de todos os seus atores: técnicos, professores, alunos, pesquisadores. Impactos também podem ser produzidos na relação que os discentes estabelecem com o saber tecido na universidade e com a própria instituição.

O que seria orientar em tempos de crise? Segundo Bock e Aguiar (2011), orientar é uma tentativa de conscientização das possibilidades que têm as pessoas de analisar seu entorno e a si mesmas: dito de outra forma, de fazer leituras outras do meio sociocultural onde habita e da pele que habita, ou seja, de sua subjetividade, que é produzida em relação com a materialidade da vida. A orientação, portanto, tem uma

função singular na universidade, não apenas entre os adolescentes do ensino médio. Atualmente, não apenas os jovens, mas outros atores sociais demandam o saber universitário.

O avanço da modernidade ocidental provocou mudanças consideráveis na vivência de tempo e espaço dos sujeitos. A estabilidade das sociedades, com o advento desse novo tempo, foi rompida. A modernidade é consideravelmente fluida e esta característica traz alterações na condição humana; ansiedade e dúvidas são sintomas deste novo tempo. Este é um tempo de crises e do não ter tempo; tempo volátil e escorregadio; tempo da eterna novidade (BAUMAN, 2010).

Em tempos de crise, muitos profissionais, em especial os psicólogos, são chamados a fazer “milagres”, apesar desta não ser sua função. Contudo, há possibilidades de intervenção nesses contextos. O processo de reorientação profissional tem sido uma estratégia utilizada nos tempos atuais, pois as mudanças exigidas pela modernização e globalização têm promovido impactos nas relações homem-trabalho. O aumento da expectativa de vida também produz efeitos no tempo de dedicação a uma profissão. Após a aposentadoria, por exemplo, muitos buscam o processo de reorientação profissional (LEHMAN, 2010).

Diferentes posicionamentos epistemológicos, filosóficos e teóricos estão presentes nas práticas daqueles que trabalham com orientação profissional. Apesar de diferentes nomeações - vocacional, ocupacional, profissional, de carreira -, todas as práticas auxiliam na tomada de decisão dos sujeitos em crise, no tocante a uma escolha a seguir; neste caso, a escolha de uma profissão. Pensar nos limites e possibilidades de atuação dos profissionais desse campo nos faz perceber a necessidade de lógicas mais interdisciplinares. Psicólogos, pedagogos, sociólogos, dentre outros, são convocados a atuar nessa área. É no trabalho de orientação que se pretende estimular a reflexão sobre a multiplicidade de aspectos envolvidos na construção do futuro de uma pessoa (BOCK E AGUIAR, 2011).

Para Castella (1999), a orientação profissional, desde seus primórdios constitutivos enquanto campo de saber/fazer, tem buscado responder a seguinte pergunta: quais os motivos da escolha profissional? Nesse ínterim, tem construído diversas teorias para analisar os determinantes da escolha profissional.

Entre as diferentes correntes teórico-metodológicas, encontram-se teorias psicodinâmicas, passando pelas desenvolvimentais e humanísticas. Cada uma, à sua maneira, tem colaborado para a constituição do campo da orientação profissional.

Ao analisar a constituição do campo da orientação profissional, chega-se à constatação de que a mesma passou por quatro estágios teórico-práticos: 1. Informativo; 2. Psicométrico; 3. Clínico; 4. Político e Social. O primeiro estágio foi marcado pelas palestras informativas, nas quais as profissões, suas exigências e perspectivas eram apresentadas. No estágio psicométrico, já não havia tanta valorização da realidade do mercado de trabalho, mas das características pessoais dos indivíduos. Nesse caso, o orientador avaliava a inteligência, as aptidões motoras, sensoriais etc. No estágio clínico, é considerado, sobremaneira, o papel ativo do indivíduo, seus recursos e capacidade de auto compreensão. Por fim, o estágio, didaticamente nomeado como político e social, enfatiza a compreensão e análise dos contextos sociais e políticos e suas complexas configurações (LEHMAN, 2010).

Todos esses modelos de orientação profissional coexistem atualmente em maior ou menor predominância. Quando comparados, devem ser analisados de forma crítico-reflexiva. Define-se a orientação profissional como um processo pelo qual o indivíduo é ajudado a escolher e a se preparar para o ingresso e progressão numa profissão. Pensada como espaço institucional, a orientação profissional teria a função de intermediar a relação entre o sujeito que “escolhe” e o mercado de trabalho. O homem certo, no lugar certo, seria ainda o pano de fundo de tal empreitada (LEHMAN, 2010).

Segundo Lehman (2010), a década de 1990 marcou o início de consideráveis mudanças no mercado de trabalho, ocasionadas pelo agravamento da lógica neoliberal. Uma das consequências dessas mudanças foi o esvaziamento do espaço vital e de subjetivação do sujeito, por meio do trabalho.

A história da orientação vocacional é plural e começou no início do século XX, podendo ser dividida em duas etapas: de 1902 a 1950, estava ligada à psicomетria e à psicologia diferencial, sob a égide do ideal do “homem certo no lugar certo”. Nesse modelo, os testes psicológicos são os atores principais da cena, sendo a ação diretiva do orientador, um marcador fundante do processo. Acreditava-se que cada carreira ou profissão requeria aptidões específicas que podiam ser definidas a priori, mensuradas e

quantificadas, visto que eram estáveis ao longo da vida. Portanto, o modelo de ciência que se impunha era o positivista. Em um segundo momento, a partir da década de 1950, outras visões sobre os processos de orientação profissional começaram a emergir. Dentre as abordagens, três se destacavam como principais: a decisional, a desenvolvimental e a psicodinâmica (MACEDO, 2008; HIRTZ e RAITZ, 2010).

Entre as teorias psicodinâmicas, encontram-se as psicanalíticas, sendo um de seus teóricos mais importantes Rodolfo Bohoslavsky. A partir de 1980, com base nas premissas da psicologia rogeriana e da psicanálise inglesa, o referido autor desenvolve uma estratégia clínica para pensar a orientação profissional. Nesse modelo, a entrevista passou a ser o instrumento principal e a abordagem deixou de ser diretiva, passando a ser nomeada não-diretiva, pois colocava em relevo a ação do sujeito que escolhe, defendendo a autonomia e o empoderamento dele no percurso. Nessa época ainda se tinha, como público alvo, os adolescentes em vias de escolha profissional (MACEDO, 2008; HIRTZ e RAITZ, 2010).

Os trabalhos que versam sobre orientação profissional, geralmente discutem sobre adolescência. O conceito de adolescência utilizado por alguns autores rompe com a lógica naturalizante baseada na faixa etária e imbricada com o conceito de puberdade que tem relação com os aspectos biológicos. Pensamos adolescência atentando para as dimensões socioculturais. Não há adolescência universal. O que existem são diferentes adolescências, diferentes modos de ser, existir e pensar. Nesse sentido, fala-se muito mais em posições que dependem sempre dos contextos estudados. Alguém, por exemplo, que tem 30 anos pode estar numa condição adolescente em um determinado contexto, enquanto outra de 16 anos pode estar numa posição adulta. É preciso, dessa maneira, atentar para essas nuances, bem como para a dimensão singular de cada sujeito. A posição é sempre pensada a partir da relação, do lugar ocupado pelo sujeito na estrutura social (GIMENEZ, 2009).

De acordo com Calligaris (2009), psicanalista que tem discutido questões contemporâneas, a adolescência nas sociedades modernas é um período de moratória, no qual determinados sujeitos ficam sob a tutela dos adultos. O fenômeno social adolescência é o prisma pelo qual adultos olham os adolescentes e também como os próprios adolescentes se percebem em relação aos seus pares e com os próprios adultos. A adolescência seria um tempo de suspensão, onde haveria a preparação para o amor, o

sexo e o trabalho. Sendo uma invenção sociocultural, tem tido uma configuração singular na modernidade tardia, possuindo um tempo maior de moratória, onde o que está implícito é a seguinte lógica: você ainda não está pronto. Espere. Apesar da maturação do corpo, ao dito adolescente faltaria maturação. A ele se impõe uma espera, muitas vezes demasiada.

A modernidade, para Calligaris (2009), tem como um dos traços centrais a noção idealizada de independência. Sendo assim, ao mesmo tempo em que hipervaloriza esse traço, faz com que os classificados como adolescentes não tenham acesso ao exercício da tão sonhada liberdade. Em nossa cultura, é um verdadeiro enigma a passagem para a vida adulta. A duração é misteriosa, não claramente limitada, extensa. A adolescência, dessa forma, passa a ser, para muitos, uma etapa de complicações sociais e subjetivas, ainda mais quando não ficam mais claras quais provas são necessárias para tornar-se adulto. O adolescente é levado a concluir que o adulto quer dele revolta. Numa sociedade tradicional, os papéis sociais estariam bem definidos, entretanto, não é o que se observa em tempos hodiernos.

Revisitando a produção científica focada em orientação profissional, verifica-se que, na contemporaneidade, há transformações econômicas, políticas, sociais e culturais que têm impactado sobremaneira o mundo do trabalho. Consequentemente, novas formas de se refletir acerca dos processos de orientação profissional são necessárias, pois as novas demandas estão aí colocadas. Outro aspecto a se considerar, refere-se às diferentes classificações das abordagens em orientação profissional. Podemos afirmar, portanto, que a história da orientação profissional é marcada pela complexidade e diversidade de perspectivas, como já vimos anteriormente e como será visto nos parágrafos seguintes.

A área de orientação profissional tem se ampliado no Brasil. Muitos são os profissionais que têm se preocupado com sua formação e atuação, em especial os psicólogos, que têm discutido nacionalmente essa questão, junto a ABOP (Associação Brasileira de Orientadores Profissionais). Dentre os temas discutidos, há debates sobre os usos dos termos vocacional, ocupacional e profissional. Há uma confusão de nomenclatura que não ocorre apenas na literatura brasileira, mas na norte-americana, europeia e argentina. Quando se fala em orientação vocacional, o senso comum imagina um processo no qual se utilizarão testes para a confirmação de uma vocação

anteriormente definida, um chamado especial para um determinado caminho que seria a profissão. Há uma série de estereótipos relacionados a esse processo. A expressão ‘orientação profissional’ tem sido, atualmente, mais adotada em terras brasileiras, sendo estudados processos de intervenção que facilitam a escolha dos sujeitos (SOARES, 2002).

Para Soares (1997), a formação dos orientadores profissionais deve estar atenta às mudanças atuais. Encontra-se, ainda, uma forte demanda por testes e respostas prontas no processo de orientação, pois apesar das mudanças do tempo presente, ainda há o imaginário do orientador como aquele que tudo sabe e do papel mágico dos testes da modalidade estatística. Para muitos, escolher é um momento em que ansiedades são mobilizadas. A formação do orientador deve ser perpassada por discussões de temáticas de vários campos do saber, não ficando apenas restrita à psicologia. Ficar apenas na dimensão subjetiva, sem atentar para os aspectos sociológicos e econômicos que influenciam os processos de escolha, é cair na alienação. Novas demandas se impõem às práticas dos orientadores profissionais. Há que se tomar o cuidado em ir além das ideias do determinismo social e/ou determinismo psicológico, pois o fenômeno é mais complexo; percebemos que visões dicotômicas não respondem à problemática colocada.

Soares (2002) afirma que a orientação profissional não tem atendido às demandas dos jovens, pois, em muitos casos, ela não ocorre e, quando se realiza, deixa a desejar. Em muitas escolas há orientação apenas no último ano do ensino médio. Afirma que ainda há uma discussão sobre quem seria o responsável sobre o processo de orientação profissional, visto que psicólogos, orientadores educacionais, sociólogos e professores estão envolvidos nesse processo. A autora defende que o trabalho deve ser realizado numa perspectiva interdisciplinar, pois a orientação profissional envolve aspectos pertinentes a cada uma dessas áreas. Todavia, chega à conclusão de que poucos são os profissionais para atender a um número infundável de alunos.

Apesar das consideráveis contribuições da orientação profissional para o campo educativo nacional, ainda se constata que, de acordo com Castella (1999), um terço dos estudantes universitários fracassa na escolha da profissão, solicitando reopção de curso. Entretanto, essa mudança gera contratempos, pois há, para muitos alunos, um sofrimento na mudança. Ressentem acerca da perda de tempo, investimento financeiro utilizado erroneamente e críticas dos colegas e familiares, dentre outros aspectos.

Verifica-se, também, que muitos estudantes que se formam no ensino superior acabam adentrando no mercado de trabalho em profissões outras, que pouco ou nada tem a ver com sua formação acadêmica.

Em muitos espaços, a escolha se dá de maneira alienada. Não se chega nem a entender o que significa o processo, ainda mais quando se utiliza erroneamente os testes como único mediador, desconhecendo-se perspectivas mais críticas (sócio-histórica) e dinâmicas (psicanalíticas), que oferecem outros meios de intervenção. Muitas vezes o próprio orientador se sente desconfortável com a sua escolha profissional. Há, também, falta de recursos humanos para tal empreitada e poucas políticas públicas nessa área, existindo poucos projetos nas escolas e em outros espaços educacionais. Verifica-se que, nos meios de comunicação, de tempos em tempos se fala sobre a temática; entretanto, de forma a propor soluções mágicas para os conflitos relacionados à escolha (SOARES, 2002).

Para Castella (1999), se faz necessário planejar a carreira, apesar das dificuldades colocadas pelo mercado de trabalho. Em outros países existe uma preocupação maior com a transição para o mercado de trabalho, tendo-se o cuidado em não alimentar uma ilusão nos alunos, principalmente os mais jovens. Urge, então, refletir sobre as novas configurações sociais, em um período histórico no qual os empregos são mais escassos e as profissões mudam constantemente.

De acordo com Bordagi et al(2006), a literatura brasileira em orientação profissional tem o seu foco, tradicionalmente, nos estudos sobre a adolescência em transição, do ensino médio para o superior. São poucos os estudos que versam sobre a satisfação profissional, comportamento vocacional e trajetórias profissionais entre estudantes universitários. Considera-se a orientação na universidade um aspecto fundamental para o bom desempenho dos estudantes em sua trajetória acadêmica e na passagem da academia para o mercado de trabalho.

Sobre a dimensão da escolha profissional, há muitos trabalhos produzidos no Brasil com distintas abordagens e orientações teórico-metodológicas. Em sua grande maioria, trata-se de estudos com alunos adolescentes de escolas particulares. Há, portanto, a necessidade de estudos no ensino público, não limitados apenas ao ingresso na vida universitária. Tratar da dimensão da escolha profissional implica deparar-se com

o sujeito humano, entendido como uma síntese aberta, em constante movimento de apropriação da realidade. Essa definição tem embasamento na psicologia sócio-histórica (DIAS & SOARES, 2012).

Bock (2010) considera que é preciso repensar nosso modelo de atuação com populações que não acessavam os serviços em orientação profissional, visto a mesma ser pensada a partir da visão de mundo das classes mais abastadas. Se os profissionais estiverem implicados com a transformação social, deverão mudar as certezas, práticas, técnicas e teorias. A escolha do sujeito é sempre perpassada por um agregado de relações sociais. A história social e a história pessoal encontram-se intimamente imbricadas. Sendo assim, se faz necessário compreender como as classes pobres fazem suas “escolhas”. A história da orientação profissional no Brasil tem excluído uma enorme parcela da população com baixa escolaridade, reflexo das desigualdades extremas existentes.

Para Bock (2010), a orientação profissional tradicional tem dissimulado a realidade, escondendo os determinantes econômicos, políticos e sociais presentes na escolha. Na perspectiva crítica, as estruturas sociais e econômicas podem explicar a posição do indivíduo na pirâmide social. A própria imagem da pirâmide já nos convoca a pensar uma organização espacial e de lugares ocupados pelos sujeitos. Os determinantes da posição de classe devem ser considerados ao atuar em orientação profissional, caso se queira não apenas reproduzir o status quo.

Mudanças relevantes nas políticas educacionais têm alterado significativamente esse cenário social, modificando também a quantidade de pessoas que acessam a instituição de educação, dentre elas, a universidade. Populações outrora excluídas têm adentrado à universidade. A aparente democratização do ensino possibilita impactos consideráveis no ambiente acadêmico, no mercado de trabalho e nas profissões. Nem sempre acessar uma formação significa aceder a uma formação de qualidade. Diante dessa nova configuração, cabe refletir sobre as possibilidades de intervenção que provoquem mudanças na dinâmica social e que empoderem os sujeitos (BOCK, 2010).

Com o início do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, na UFBA, houve a criação do programa de orientação acadêmica e profissional, que consiste em um processo de acompanhamento dos estudantes por professores do quadro permanente do

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA. Acredita-se que a tutoria, nessa orientação, é essencial para uma formação de excelência. Sendo assim, a orientação acadêmica e profissional possui centralidade nesse novo modelo de formação. Essa nova proposta não contempla apenas a orientação profissional, mas também os aspectos pedagógicos, o percurso curricular, orientações científicas e culturais, realizações de estágios, dentre outros. Outro aspecto importante refere-se à concepção da orientação acadêmica e profissional como dispositivo facilitador dos processos de afiliação universitária. Uma ressalva feita no documento 'Programa de Orientação Acadêmica' (UFBA, 2011) nos alerta para não confundirmos a orientação acadêmica com a orientação de trabalhos, de conclusão de curso ou de apoio psicológico aos estudantes. O que se objetiva é aprofundar a experiência universitária dos alunos, promovendo a construção de sua condição de sujeito na universidade. A formação universitária é, portanto, entendida como além do mercado de trabalho.

A orientação acadêmica e profissional, dentre outras coisas, tem a função de auxiliar na permanência dos estudantes na universidade. Estes são acompanhados por professores tutores, que contribuem para a resolução de dificuldades inerentes ao processo pedagógico ou referentes a dúvidas de natureza profissional. Ressalva-se que as intervenções, junto aos alunos, devem considerar os itinerários singulares dos mesmos (UFBA, 2011).

Conforme Gimenez (2009), a sociedade contemporânea ocidental possui poucos espaços ritualísticos ou, em certa medida, espaços difusos, ou seja, com contornos confusos e poucos claros. O ritual, em variadas culturas, é o contexto no qual uma experiência de transformação ocorre, favorecendo a passagem de um estágio para outro no qual o novo sujeito é reinserido na sociedade pela via da transformação, passando a ocupar um novo lugar e a ser visto de uma nova forma. Essa reconfiguração também implica mudanças identitárias.

Ao discutir identidade cultural na pós modernidade, Hall (2006) afirma que as transformações, vistas na modernidade, rompem com toda e qualquer condição precedente, produzindo um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas. Neste novo período, não há centro, nenhum princípio articulador e organizador. A modernidade tardia produz, portanto, diferentes posições de sujeito, isto é, identidades, desarticulando as identidades estáveis do passado e abrindo possibilidades de novas.

Essa nova reconfiguração tem consequências políticas. As paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas. E em sentido amplo, implanta-se a política da diferença. Resumidamente, o conceito de identidade mudou, em tempos de globalização.

Gimenez (2009) argumenta que é necessário se pensar espaços ritualísticos na sociedade atual. A atuação dos profissionais de psicologia e outros pode favorecer a criação de espaços individuais e grupais que possibilitem a elaboração das questões trazidas pelos sujeitos. Em se tratando dos processos relacionados à escolha da profissão, defende-se que não há neutralidade total na atuação daqueles que trabalham com orientação profissional. Sendo assim, pensar sobre o porquê da escolha profissional me apaixonar ou não, problematiza. Por que me identifico com tal área? Eis algumas questões que devem perpassar a formação dos orientadores.

Apesar das mudanças do tempo presente, ainda há marcadores da passagem ritualística na sociedade contemporânea. A própria etimologia da palavra vestibular, derivada do latim “vestibulum”, implica a noção de entrada, começo, passagem. Na cultura brasileira, a universidade é ainda vista como um espaço diferenciado, de status e de valorização social. O vestibular ainda é uma marca, apesar das transformações acontecidas nos últimos anos com o início do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que também é uma seleção. As provas são sempre classificatórias, marcando os aptos e os não aptos. Há sempre uma seleção, um demarcador social e isto se faz presente no discurso de muitos alunos. Em se tratando das profissões, sabe-se que algumas são mais valorizadas socialmente em detrimento de outras. Essas assimetrias são percebidas de diferentes formas, inclusive na remuneração recebida pelos profissionais com mesmo nível de formação. Em nosso caso, aqueles que passam pelo ensino superior (GIMENEZ, 2009; WANDERLEY, 2003).

O processo seletivo das universidades tem, historicamente, possibilitado grandes lucros para cursinhos pré-vestibulares. Há um sistema comercial com verdadeiras guerras competitivas entre si. Wanderley (2003) chama atenção também para o fato de os alunos ingressarem na universidade com poucos elementos para conhecer e discernir a profissão escolhida. Sobremaneira, tece uma crítica a rigidez da formação profissional numa lógica linear.

Cabe aqui pontuar que, conforme pesquisa para o presente trabalho, não há literatura que fale sobre orientação acadêmica. Tradicionalmente tem se trabalhado a noção de orientação profissional, concebida como processo anterior a universidade e não no decorrer da vivência universitária. Ressaltamos também que historicamente a formação superior tem sido marcada pela lógica estritamente profissionalizante que não abre espaço para se pensar sobre a escolha profissional, já que o caminho formativo já está rigidamente delineado, sendo a opção continuar no curso escolhido ou modificar, geralmente não aproveitando as disciplinas cursadas, quando as mesmas são, em sua grande maioria, referentes apenas ao curso escolhido.

Diante dessa ressalva, a proposta de orientação acadêmica no seio universitário é inovadora, pois deixa nas entrelinhas o seguinte pressuposto: os alunos que ingressam na universidade podem, no decorrer da trajetória, repensar sua escolha primeira. Cursos com currículos mais flexíveis e, de início, menos profissionalizantes podem facilitar este processo, quando não focando apenas em saberes profissionalizantes, considerando também as áreas mais humanísticas e artísticas que são imprescindíveis para a formação do cidadão e do profissional do século XXI.

Segundo o projeto pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA, a orientação acadêmica dos alunos deve ser realizada por docentes do IHAC e/ou por docentes de outras unidades das áreas da saúde, que desenvolvam componentes curriculares das áreas de concentração e/ou projetos coerentes com a matriz curricular do BI em Saúde (UFBA, 2010). A orientação acadêmica também perpassa a dimensão do tempo e seus usos pelos discentes, pois almeja promover, no graduando, o desenvolvimento da capacidade para organizar e planejar, bem como para tomar decisões, ou seja, tornar-se autônomo, responsabilizando-se pelo seu percurso e processos educativo-formativos. Outra dimensão enfatizada refere-se à formação cidadã e à responsabilidade social, bem como o respeito e a valorização da diversidade cultural e o compromisso com os valores democráticos na sociedade contemporânea. É no processo de atendimento grupal e/ou individual que se revelam, como importantes, as características e manejos do professor orientador.

Aqui, pontuamos que há de se ter uma mínima identificação do professor com os processos de orientação, bem como aprofundamento das grandes questões que são discutidas por diversos autores no tocante à orientação acadêmica e profissional na

contemporaneidade. A orientação acadêmica e profissional, no contexto do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA, surge enquanto dispositivo pensado desde o documento original, orientador da elaboração dos projetos pedagógicos dos bacharelados interdisciplinares (UFBA, 2008) e criado a partir da implantação dos bacharelados interdisciplinares. Consiste em um processo de acompanhamento dos estudantes por professores do quadro permanente do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, e objetiva, em linhas gerais, aprofundar a experiência universitária dos estudantes, através do acompanhamento pedagógico e da produção científica e cultural, bem como através da orientação da escolha profissional. Trata-se de algo inovador, portanto, visto que, tradicionalmente, construíram-se, no Brasil, práticas relacionadas à orientação estritamente profissional.

Outra questão aqui se coloca: quais seriam, então, os impactos do novo cenário macrossocial em curso, nos processos de orientação profissional e acadêmica, nas universidades brasileiras? Dito de outra forma e parafraseando Bauman (2010), quais seriam os impactos dos novos arranjos sociopolíticos e econômicos nas escolhas dos sujeitos, em seus projetos de vida individuais e coletivos?

Lehman (2010) corrobora Bauman (2010), quando também afirma que vivenciamos novos paradigmas e contextos que são perpassados pela ruptura e imprevisibilidade. Sendo assim, o campo da orientação profissional passa por uma nova dinâmica, visto que o mercado de trabalho também se (des)configurou. Viveríamos não mais a era de *Chronos*, mas a de *Kairós*. E como seriam essas eras? Na era de *Chronos*, o tempo é linear, contínuo e previsível. Os eventos acontecem em linha sucessória. Tal como a linha de montagem da fábrica fordista, seria esse tempo sua metáfora.

A era de *Kairós*, por sua vez, subverte essa lógica temporal. *Kairós* é o tempo não absoluto, descontínuo, não linear. Nele, os eventos acontecem de forma pouco previsível. Ainda, segundo Lehman (2010), os novos modelos de vinculação com o trabalho modificam sobremaneira o processo de orientação profissional. Haveria, nesse novo espaço-tempo, uma fragilização das instituições e consequente desorientação profissional.

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 Desenho do Estudo

Vários percursos metodológicos poderiam ser utilizados para responder a nossa questão de pesquisa. Optamos, dentre as abordagens qualitativas, pela etnopsicanálise que permite, dentre outras coisas, a emergência da subjetividade do pesquisador e sujeitos de pesquisa, com todas as suas nuances. Conforme Duarte (2002), pesquisar implica relatar uma viagem feita por um sujeito, cujo olhar lança-se em terras conhecidas ou ainda não conhecidas. A investigação científica deve ser marcada por um diferente modo de olhar a realidade para além do trivial, pois o conhecimento é resultado da interação do sujeito com seu objeto de estudo ou sujeitos da pesquisa. Sendo assim, na pesquisa há sempre a marca de quem investiga e dos que se deixam pesquisar, especialmente em ciências humanas. A construção do objeto é marcada por uma escolha metodológica, dentre tantas outras; uma opção há que se fazer. As conclusões, portanto, se dão em razão da metodologia adotada, das técnicas empregadas e da teoria que embasa o olhar lançado sobre o objeto.

Parafraseando Simone de Beauvoir (1980), não se nasce pesquisador, torna-se um, na prática cotidiana que é produzida pelas interações estabelecidas. O olhar analítico é também construído, recortado por teorias e visões de mundo, mas também aberto ao emergente. O emergente foi algo sempre presente como pano de fundo de nossas atuações e como horizonte.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo e Sanches (1993), tem variadas fundamentações epistemológicas. A discussão sobre a cientificidade do conhecimento é algo que se coloca a todo momento nas discussões entre os pesquisadores. Nesse caldeirão de ideias, a corrente compreensivista - que tem como um de seus principais expoentes o sociólogo Max Weber - é pensada como a mãe de todas as abordagens qualitativas, ganhando legitimidade no decorrer da história dentro do campo científico. Métodos e técnicas foram aperfeiçoados para o estudo dos problemas sociais e humanos. Apesar disso, o debate sobre o modo de fazer ciência, perpassada pela pesquisa qualitativa, ainda é uma constante.

Para Minayo e Sanches (1993), há, na abordagem qualitativa, uma aproximação fundamental, certo grau de intimidade entre sujeito e objeto, diferentemente da lógica

clássica positivista. Em ciências humanas, sujeito e objeto são da mesma natureza. É no campo da subjetividade e do simbolismo que se constitui essa abordagem. Tenta-se compreender as relações e atividades humanas, bem como os significados que estão por trás dessas relações. Em última instância, ainda se busca conhecer as “leis” que regem e ordenam os fenômenos sociais. O trabalho qualitativo caminha em duas direções: na primeira, elabora teorias, métodos e princípios e, noutra, inventa, cria, ratifica os caminhos percorridos, abandona as certezas, compartilhando a ideia do vir a ser no conceito de cientificidade.

Diferentemente do que se passa em algumas formas de psicologia, a sociologia e a antropologia, ao analisar as falas dos informantes, não concebem essas falas como oriunda de um indivíduo apenas, mas marcadas por questões culturais e sociais que o atravessa e constitui os discursos. Necessário se faz compreender a teia de significados na qual o sujeito está preso, pois os indivíduos compartilham um mundo sócio cultural repleto de significados. Portanto, a compreensão intersubjetiva requer a imersão nos significados dos atores sociais. Um estudioso do social deve, então, estar apto a entender a linguagem em suas diferentes formas e níveis, além de como os grupos sociais diversos intercambiam saberes. As falas e as práticas do cotidiano são aspectos que devem ser considerados pelos pesquisadores do social (MINAYO & SANCHES, 1993).

A análise de dados, numa pesquisa qualitativa, tem como objetivo aprofundar a pergunta que orienta o trabalho, fugindo do empirismo puro ou do teorismo. O discurso, dessa forma, não é algo acabado, mas um momento de criação de significados, constrangido pela situação, ou seja, tecido num determinado contexto sociocultural, influenciado também pela presença do pesquisador (MINAYO, 2014).

Minayo e Sanches (1993) consideram que as abordagens etnográficas historicamente não dispensam as etapas de observação e convivência no campo. Neste modelo de pesquisa, a observação não segue a lógica tradicional da objetividade e neutralidade, pois se entende que o pesquisador está sempre implicado no processo. O seu olhar, de certa forma, é sempre enviesado e marcado por questões subjetivas e outras. A verdade neste modelo de pesquisa está sempre situada nos significados dos textos sociais. Necessário se faz, pondera a antropologia, comparar as falas e discursos, observar os costumes e condutas, analisar as instituições, bem como analisar-se. Na

análise qualitativa é imprescindível ver além, ler nas entrelinhas, ultrapassar a mensagem manifesta com o intuito de atingir os significados latentes. Sendo assim, esse procedimento deve ser sempre marcado por um referencial teórico.

Vamos, agora, de forma breve, ressaltar a importância de um interessante dispositivo. De acordo com Laplantine (2007), a observação participante tem raízes na etnografia, que é fundadora da etnologia e da antropologia. Não consiste apenas em coletar dados, mas em experienciar uma determinada cultura ou, atualmente, um campo específico. Dessa forma, a observação participante não é neutra e imparcial, pois oferece um corte epistemológico na tradição científica ocidental. O distanciamento do objeto é substituído por uma relativa proximidade, capaz de possibilitar que o pesquisador experimente tornar-se um com os sujeitos pesquisados e, ao mesmo tempo, experimentar a diferença, a outridade/alteridade.

Segundo Nagami (2014), em se tratando de pesquisas antropológicas, deve-se considerar a relação estabelecida entre antropólogo e nativo, entre o “eu” e o “outro”. Alguns antropólogos usam o “nós” para se referir à produção etnográfica, pois ir a campo é sempre uma experiência de afetação. Dito de outra forma, o ir a campo possibilita a construção de sentidos e percepções que constitui um novo fenômeno no qual não se destaca nem a voz “nativa” e nem a voz do antropólogo. O nós é o que prepondera. O estar lá, a observação participante é condição *sinequa non* para o andamento da pesquisa antropológica. Há também aqui um questionamento da noção de coleta de dados. Os dados são sempre uma construção de muitas vozes, imagens, sons e paisagens. O exercício auto reflexivo do fazer antropológico está no cerne da produção etnográfica. “Os insights dos antropólogos passam a permear a tensa relação entre teoria e prática. Ser afetado, e demonstrar-se sendo, passa a contemplar parte do processo de alteridade do exercício antropológico” (NAGAMI, 2014, p.4).

Outro aspecto a se considerar refere-se aos limites existentes no olhar lançado pelo antropólogo em sua pesquisa, visto que muitas questões podem ter relação com a racionalidade do pesquisador, muito mais que a do pesquisado. Sendo assim, é necessário pensar sobre quem são os nativos, quem eles representam e como suas falas significam ou não, em certa medida, a fala de tantos outros e outras. Muito mais que falar sobre o outro, há que se deixar que o outro fale, respeitando e considerando também a multiplicidade de olhares acerca dos fenômenos. O pesquisador que bebe dos

saberes antropológicos deverá levar em conta que sempre estará situado entre-lugares. É preciso saber olhar e ouvir, bem como utilizar-se da criatividade e da capacidade de estranhar o que parece familiar (NAGAMI, 2014).

Diversas correntes em psicologia social utilizam-se da ideia de pesquisa de campo, entretanto, algumas considerações devem ser feitas – salienta Spink (2003) – ao discutir sobre as perspectivas pós construcionista em psicologia social. Segundo o autor, a pesquisa é sempre produto de uma colaboração entre vários. Muitas vezes o pesquisador tem um ponto de partida e, a partir daí, vai caminhando, sem saber direito como caminhar e para onde caminhar. Noutras vezes se fará necessário utilizar um olhar multidirecional que não se prenda apenas a um lugar fixo. Constata-se, então, que historicamente o sentido de campo e de pesquisa de campo tem passado por significativas modificações.

Primeiramente, considerava-se que pesquisa de campo se referia à observação e interação com as pessoas em seu habitat natural, ao invés dos laboratórios. “Era um campo que existia num lugar e quando o pesquisador não estava no lugar, também não estava no campo. O campo, portanto, era onde o pesquisador ia para fazer seus estudos” (SPINK, 2003, p. 21). Em perspectivas mais contemporâneas, considera-se o campo não mais como um lugar específico. E se pensarmos nos enunciados presentes na pesquisa, poder-se-á afirmar que “todo enunciado é resposta ao enunciado que o precedeu. Está, portanto, atravessado por dialogicidade” (SPINK, 2003, p. 24). Em se tratando do ato de pesquisar, “(...) investigar é uma forma de relatar o mundo e a pesquisa social é tanto um produto social para relatar quanto um produtor de relatos; uma maneira de contar – e produzir – o mundo” (SPINK, 2003, p.26).

Spink (2003) afirma que se deve pensar sobre a implicação do pesquisador com sua pesquisa, a partir de alguns questionamentos, tais como: O que é que nós estamos fazendo? O que temos a ver com o campo tema? Qual é a nossa contribuição, a nossa parte neste processo? Precisamos, argumenta o autor, atentar para o fato de que o campo-tema não é constituído em um fim de semana de pesquisa, ou muito menos pela ida a um lugar exótico para pesquisar. Há de se pensar também na dimensão ética da pesquisa. Ainda sobre o campo, defende-se que estamos potencialmente em múltiplos campos. Um campo não é um universo distante, separado, não relacionado ou um lugar

empírico onde se faz observações. Mesmo os que se colocam em posição periférica nas práticas de pesquisa, estão numa posição, em um tempo e lugar.

O campo tema é sempre marcado por uma complexa rede de sentidos. Tudo deve ser considerado: as conversas de corredor, as percepções, os lugares, a dimensão do tempo, as anotações. O campo, para a psicologia social, começa quando nos vinculamos à temática. O restante é a trajetória que pode se dar de inúmeras formas. Há de se pensar na subjetividade do pesquisador, bem como sobre a intersubjetividade construída na pesquisa. Outro aspecto que se deve considerar é levar em conta que, quando nós fazemos o que nós chamamos de pesquisa de campo, nós não estamos indo ao campo, pois já estamos no campo quando nos inserimos no tema. É preciso entender as consequências de nossa presença no campo tema. “O campo-tema não é um aquário que olhamos do outro lado do vidro; é algo do qual fazemos parte desde o primeiro momento em que dissemos, estou trabalhando com...” (SPINK, 2003, p. 36). Em nosso caso, quando dissemos “estou trabalhando com orientação acadêmica e profissional no BI de Saúde da UFBA”. Esse é, portanto, o nosso campo. Estamos nele situados.

Apenas o mal avisado, pondera Spink (2003), poderá considerar tal empreitada neutra. Dialogamos porque estamos onde estamos, não só fisicamente, mas sócio e psicologicamente. Estamos mobilizados de variadas maneiras:

Não há dados nas nossas investigações porque não há fatos empíricos esperando pacientemente e independentemente para serem interpretados. Transformar o agir do outro em dados é desqualificar sua presença e reduzi-lo (...). Não há dados, mas há, ao contrário, pedaços ou fragmentos de conversas: conversas no presente, conversas no passado; conversas nas materialidades (...); conversas ainda em formação; e, mais importante ainda, conversas sobre conversas (SPINK, 2003, p.37).

Para Spink (2003) a ciência tem suas maneiras de narrar os eventos por ela produzidos. A própria ciência é uma forma de narrar. Pode ser também definida como a re-textualização do outro, o re-narrar do já narrado. “O re-narrar acadêmico é um narrar de maneira escrita do narrar oral, da conversa, da visita, do material, da materialidade, dos achados e perdidos” (SPINK, 2003, p. 38). Dito de outra forma, o processo de pesquisa não objetiva achar o real, descobrir a verdade, mas entrecruzar e ampliar os

saberes. Promove-se o debate, mas não se devem excluir os debatedores, ou seja, os sujeitos. É preciso, antes de tudo, reconhecer-se como sujeito social.

#### **4. 2 Referencial Teórico e metodológico**

Toda a discussão anterior é necessária para situar-nos na tradição de pesquisa denominada qualitativa, com suas particularidades no que concerne aos métodos de investigação. A presente pesquisa utilizou saberes advindos da etnopsicologia. O termo etnopsicologia, de acordo com Pagliuso & Bairrão (2015), foi utilizado primeiramente como título de uma revista científica francesa. O objetivo da revista era articular temas da psicologia que fizessem interfaces com a cultura. A etnopsicologia não define os limites do que seja a pessoa ou o social, já que procura investigá-los em seus contextos de origem. Influenciado pela antropologia e pela psicanálise, Devereux (ex-aluno do sociólogo e antropólogo Marcel Maus) criou um campo interdisciplinar que nomeou etnopsiquiatria.

Nesse campo interdisciplinar, argumenta-se que analisar a cultura humana nos possibilita compreender o psiquismo e vice versa. Dito de outra maneira, há que se pensar dialeticamente. O psiquismo humano se compõe, em verdade, de elementos da cultura. Dessa forma, o pesquisador deve participar da vida da comunidade, caso queira compreendê-la. Também o psicanalista pesquisador é levado a pensar sobre os lugares que ocupa na transferência do paciente. É preciso, portanto, questionar a ideia de objetividade científica e analisar a posição empírica de quem pesquisa. Não se deve mais pensar etnografia segundo a lógica do positivismo, pois se faz necessário também pensar sobre a pessoa que está em campo (PAGLIUSO & BAIIRÃO, 2015).

Em nosso caso, consideramos que a escolha do objeto de pesquisa deu-se, dentre outros fatores, pela curiosidade e relevância do estudo para a universidade, bem como pela possibilidade de pensar essa temática de forma interdisciplinar, pois a etnopsicanálise se “alimenta” de saberes advindos de, no mínimo, dois campos distintos: antropologia e psicanálise. Nasce, portanto, na interface.

Não buscamos generalizações, mas sempre saberes contextuais, singulares, possíveis. Sabe-se também que muitas questões não estarão claras nestes primeiros passos da pesquisa, ou seja, não estarão visíveis aos olhares do pesquisador e dos

demais sujeitos, e que nem tudo é traduzível pela via das palavras, pois a experiência, rica em complexidade, nem sempre se deixa encontrar.

A minha entrada no campo, utilizando-me das ressalvas feitas por Spink (2003), deu-se antes da entrada no mestrado, visto que sou “resultado” de uma formação interdisciplinar, haja vista que a minha formação em ciências sociais, psicologia e psicanálise me conduziram à eleição do objeto de pesquisa. Os meus primeiros contatos com o campo da orientação profissional foram consideravelmente motivadores. Após cursar a disciplina de graduação de psicologia, fiz também estágios em orientação profissional e, algum tempo depois, tornei-me professor da disciplina de orientação profissional. Situo, então, o leitor em meu processo formativo, ponderando as implicações em fazer parte do campo-tema, bem antes da pesquisa propriamente dita.

A participação em grupos de estudo em psicanálise também contribuiu para a minha identificação com “novas práticas” interventivas, para além da clínica tradicional. O curso “psicanálise nas instituições: atendimento em grupo” também foi um marco formativo, pois ampliou meu campo de visão no que se refere às possibilidades de atuação dos analistas ou daqueles que bebem dos saberes da psicanálise. No grupo de pesquisa em saúde mental, no Instituto de Saúde Coletiva, também pude aprender a olhar para as questões de saúde, respeitando a complexidade para além do discurso médico, aprendendo, numa equipe multiprofissional, a pensar de forma multidisciplinar.

Minha identificação com a proposta do BI e da Universidade Nova também deve ser considerada nesta pesquisa, além do fato de eu mesmo ser “resultado” das políticas públicas das últimas gestões federais, pois sou fruto também das ações afirmativas, sendo parte da primeira turma de alunos cotistas da Universidade Federal da Bahia. Essas considerações são importantes para pensar o lugar que ocupo nesta pesquisa, bem como os olhares lançados sobre o fenômeno, pois somos parte da pesquisa. A objetividade científica é, assim, relativizada, pensada numa outra perspectiva. De algum modo essas questões todas afetam minha escuta, meu olhar, minhas articulações, leituras e posicionamentos.

Como já afirmamos, em ciências humanas há diferentes referenciais metodológicos. A etnopsicologia, de acordo com Dias e Bairrão (2013), é uma abordagem descritiva da experiência humana, que levanta questões complexas e difíceis para a psicologia e para a antropologia. Várias questões se colocam neste modelo: a

experiência individual e coletiva pode ser adequadamente compreendida em termos de categorias culturais nativas? Essas categorias explicam o fenômeno em sua complexidade?

Bairrão (2005), ao discutir sobre etnopsicanálise e suas contribuições para a pesquisa, considera que a teoria metapsicológica freudiana abarca o funcionamento do psiquismo, não circunscrito ao individual. O social da psicanálise não é uma extensão do saber sobre o psiquismo, do individual ao social, pois a psicologia de cada sujeito já é constitutivamente social, entretanto, não dá conta de toda a verdade do social. Apesar de a psicanálise ter sido, por muitos, pensada apenas a partir da clínica, defende-se que muitas são as contribuições desse saber para propor modelos de intervenção e transformação social. A revitalização das contribuições freudianas para a psicologia social poderá ser feita não apenas por meio dos textos ditos sociais, de Sigmund Freud. O fundador da psicanálise, em *Psicologia de grupo e análise do Ego* (1920-1922/1969) afirma que:

[...] apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, uma auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificado das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (FREUD, 1920-1922/1969, p. 91).

Sendo assim, pode-se afirmar que a psicologia individual, pensada de forma ampliada é, concomitantemente, uma psicologia social. Neste sentido, todas as relações que o indivíduo estabelece podem ser consideradas fenômenos sociais. Pode-se afirmar que o indivíduo é um fenômeno social. Na perspectiva freudiana, as relações do indivíduo com seus pares, pais, irmãos, professores e seu médico/analista, são objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, isto é, todas as relações sociais.

Para Nogueira (2004), a metodologia científica em psicanálise confunde-se com a própria pesquisa, pois a psicanálise é uma pesquisa. A psicanálise introduz uma novidade na cultura ocidental, tensionando o conceito de sujeito racional. Diante dessa constatação, pode-se afirmar que a pesquisa psicanalítica é uma nova maneira de refletir sobre a realidade, investigando não mais as essências das coisas, mas as leis de funcionamento. Freud convocou os seus pacientes a associar livremente, que também

foi uma novidade na relação estabelecida entre médico e paciente. A associação livre, proposta pela psicanálise, possibilitara uma mudança na relação entre sujeito e objeto, instaurando um novo paradigma, pois entra em cena a dimensão transferencial que habita todas as relações humanas, as relações entre os falantes. Aquilo que é obtido através da relação entre falantes, na transferência, é obtido por um processo inconsciente. “Há uma relação radical, intransponível, entre o inconsciente e a consciência” (NOGUEIRA, 2004, p.87).

E o que seria o inconsciente em psicanálise? O inconsciente é uma noção freudiana, criada para dar conta de certos fenômenos que não se enquadravam no cogito cartesiano, tais como os sonhos, atos falhos, lapsos, sintomas, chistes. Em se tratando dos sonhos, por exemplo, o analista não deve se colocar no lugar daquele que compreende, mas, sim, possibilitar que haja movimento na linguagem do sonhador (NOGUEIRA, 2004).

Ainda conforme Nogueira (2004), Freud nem sempre lidou de uma “maneira acertada” com a transferência. Apesar disso, construiu um saber sobre este fenômeno. Dessa forma, a objetividade, tal como defende o positivismo, não é característica da psicanálise, pois a mesma trata da investigação da subjetividade. Em psicanálise, o pesquisador não é um mero observador da relação, ele está implicado na relação, sendo importante levar em conta o que ocorre na transferência. Alguns “medalhões” da psicanálise consideram relevante analisar a transferência e a contratransferência. Não se constituindo a relação transferencial, não há pesquisa em psicanálise. Pode, pelo contrário, haver uma relação entre sujeito e objeto, tal como os modelos de pesquisa cientificistas. Resumidamente, argumenta, nem sempre é possível uma pesquisa analítica.

Ao considerarmos que o ambiente universitário é um espaço, sobretudo, de aprendizagem, de troca de conhecimentos por meio de interações que não são somente sociais (professor-aluno, aluno-aluno, aluno-funcionário, mas também aluno-instituição, aluno-saber) podemos inferir que este ambiente é permeado de subjetividade. Para Nogueira (2004), essa subjetividade é intrínseca à aprendizagem, uma vez que estará relacionada com a construção de sentidos e significados que cada sujeito elabora a partir de ressignificações próprias. Logo, podemos afirmar que o conhecimento é intermediado por outro, construído, deste modo, *na e pela* relação com este outro.

Godoy & Bairrão (2015) afirmam que, para compreender a vida social e fenômenos subjetivos, se faz necessário participar dos eventos considerados importantes pelo grupo pesquisado. Observa-se participando, já que a subjetividade do pesquisador está inclusa. Essa participação deve ser fronteiriça, mantendo-se entre o estranho e o familiar. É impossível apreender toda a experiência, pois todos nós fazemos recortes da realidade para melhor compreendê-la. Na escuta participante, há que se atentar para as posições subjetivas de ambos: pesquisador e pesquisado.

É possível aplicar o método psicanalítico além da prática clínica, apreendendo o sujeito para além do psiquismo individual. O método aqui utilizado sustenta-se no domínio da escuta e não se resume apenas à audição. O dito, nessa perspectiva, se apresenta através de diversas formas discursivas. Diante disso, trocar o termo observação por escuta ultrapassa a mera diferenciação perceptiva. Sendo assim, seria possível ver com as mãos e comer com os olhos, ressaltam Godoy & Bairrão (2014). Na escuta participante, o pesquisador deve se colocar numa posição eliciadora de enunciações advindas do campo, sendo capaz de testemunhar o que lhe é dito e favorecer que o outro possa revelar-se em termos próprios. Escutar seria restituir o saber inconsciente, recuperar o que verdadeiramente se diz na repetição significativa sem encobri-lo com as considerações egóicas do pesquisador (GODOY & BAIRRÃO, 2015).

Cabe pontuar que essa perspectiva leva em conta a dimensão transferencial, pois tudo decorre da transferência que cria um espaço onde o inconsciente se atualiza. Por isso, é preciso se interpretar na transferência e não a transferência. Escutar o social, na escuta participante, é também favorecer o entendimento de um sujeito social. Aqui, a noção de sujeito não se confunde com a de indivíduo (dimensão da consciência) e remete à dimensão inconsciente. Acerca da relação transferencial, cabe ressaltar que o sujeito é sempre suposto, um saber lhe é outorgado pelo Outro (GODOY & BAIRRÃO, 2015).

Para a psicanálise, o sujeito não é senhor em sua própria casa, pois não é senhor de si mesmo, de seus pensamentos e de suas ações, pois submetido está à lógica do inconsciente. A escuta participante ou o modo psicanalítico, considera que a força motriz do trabalho de campo é a transferência, que possibilita um espaço comum entre

pesquisador e colaboradores. A mesma viabiliza a manifestação do inconsciente também pela via da repetição, dos ditos e dos não ditos (NOGUEIRA, 2004).

### **4.3 Procedimentos no Campo**

Um simples convite para conversar pode possibilitar o surgimento de temas desconcertantes, muitas vezes presentes em práticas pedagógicas ligadas à sexualidade, gênero, raça, etnia, diferenças, religiosidade, indisciplina, fracasso escolar, situação econômica, drogas, práticas políticas, disputas ideológicas etc. Esses temas circunscrevem o mal-estar cotidiano. A orientação acadêmica tem se configurado enquanto espaço de construção de pontes entre o coletivo e o singular. Nela, os diferentes atores que compõem a universidade podem desenvolver novos olhares acerca da dinâmica institucional, desenvolvendo estratégias conjuntas que possibilitem a afiliação dos alunos.

Neste estudo, o campo escolhido para a pesquisa foi um grupo de orientação acadêmica e profissional, que se realizou semanalmente / quinzenalmente, do semestre 2013.1 até o semestre 2014.1. O grupo se reunia em salas de aula previamente disponíveis no pavilhão de aulas do IHAC, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências professor Milton Santos, Campus da UFBA situado em Ondina. A proposta inicial era de funcionamento semanal, das 16h às 18:30h do dia escolhido, entretanto, vários foram os acordos feitos devido a questões de força maior como, por exemplo, horários variados dos alunos que livremente participavam do grupo, horários dos pesquisadores que, por vezes, coincidiam com outras demandas da universidade, do mercado de trabalho e das aulas, bem como diversas greves ocorridas nesse ínterim (servidores técnico-administrativos da UFBA, rodoviários da cidade de Salvador, Polícia Militar etc.). Todos esses fatores impactaram na frequência ao grupo. Em certa época, alteramos o horário dos encontros, seguindo a sugestão dos alunos sobre o horário que melhor agregaria a maior quantidade de pessoas. A minha condição de trabalhador aluno também foi um fator que contribuiu para pensarmos juntos os acertos dos nossos encontros, almejando um tempo comum a maioria dos integrantes. Essa tarefa não foi fácil, pois o grupo abrangia alunos de vários semestres e com diferentes horários, já que

a flexibilização da matriz curricular dos estudantes faz com que existam várias combinações.

Os alunos que participam da orientação acadêmica e profissional são oriundos, em sua grande maioria, do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS). Curiosamente, em alguns encontros, alunos do BI em Humanidades também participaram. Grande parte do alunado que participa é jovem, sendo alguns já formados em outras áreas.

A participação nos encontros era livre e os alunos sabiam que a carga horária servia para efeito de comprovação de atividades complementares no curso. O número de integrantes, por encontro, variou entre 1 e 15 estudantes. Quanto ao perfil dos estudantes, era em sua maioria composto por meninas. Os nomes dos integrantes são preservados nesta pesquisa e, em se tratando das entrevistas, serão utilizados pseudônimos nas falas recortadas, quando se fizer necessário nomear. O diário de campo e áudio de campo foram construídos a partir de minha inserção no grupo de orientação que, em alguns momentos, tinha a presença de minha orientadora; já em outros momentos, participei sozinho do grupo, na posição de facilitador. No decorrer do trabalho pontuações advindas do diário de campo e das entrevistas serão realizadas, analisando-se a partir do objetivo deste trabalho.

As chamadas para a participação no grupo de orientação acadêmica deram-se por meio da professora Thereza Coelho, orientadora da presente pesquisa, bem como através do email Institucional enviado pela secretaria do curso para todos os alunos do BI. Essa informação foi também confirmada pelos alunos ao participarem do grupo. Após o primeiro encontro, íamos também comunicando aos participantes as próximas datas por email, bem como fazendo os acordos necessários de acordo com as contingências.

O grupo era um espaço de escuta livre, de circulação de significantes. Nossa perspectiva era também trabalhar com os efeitos produzidos pela mesma, dando aos participantes a possibilidade de falar sobre si e de suas questões, da forma que desejassem, sem prender-se a roteiros ou esperando determinados resultados.

As entrevistas foram posteriormente realizadas com cinco membros que participaram do grupo e se dispuseram para o procedimento. A entrevista semiestruturada foi elaborada com o intuito de aprofundar algumas questões e, em especial, àquelas referentes às contribuições da orientação acadêmica e profissional para

os BIS. Em relação aos horários das entrevistas, agendou-se levando em consideração as possibilidades de horários dos entrevistados que eram oriundos do grupo de orientação acadêmica e profissional. A meu ver, isto facilitou a interação, pois uma relação havia sido tecida no grupo e isto favoreceu, de certa maneira, a abertura às perguntas feitas.

De acordo com Minayo (2014), as entrevistas podem ser classificadas de diversas formas. Acerca da entrevista semiestruturada, como o nome já nos alerta, é parcialmente estruturada, mesclando perguntas abertas e fechadas, possibilitando assim que o entrevistando e o entrevistador explorem questões que surjam no decorrer do processo. A entrevista é, pois, um processo relacional, um encontro. Necessita ser realizada levando em consideração a habilidade do entrevistador em perguntar, escutar e observar com relativa flexibilidade, atentando para o emergente.

Utilizou-se, nesta pesquisa, o modelo acima citado, com o intuito de ter um roteiro que melhor responda aos objetivos da pesquisa, bem como possibilite a abertura ao novo, surgido nas relações que estabelecemos com os nossos sujeitos da pesquisa. Em muitos momentos a interação possibilitou o surgimento de novas perguntas, não se prendendo ao roteiro.

Salienta-se que as questões éticas envolvidas na pesquisa com seres humanos foram respeitadas neste trabalho. Foi necessária a inscrição do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, que faz parte do Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). O consentimento Livre e Esclarecido foi dado aos que se submeteram à entrevista. Todo o procedimento baseou-se na resolução 466/12 de dezembro de 2012, que regulamenta as pesquisas com seres humanas no Brasil.

## **5 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA VIDA UNIVERSITÁRIA**

O primeiro contato com o grupo de orientação acadêmica foi marcante, fui tomado por um misto de medo e ansiedade. Era algo novo, um novo lugar, novas relações e impressões. Eram os primeiros passos enquanto pesquisador. Estava também efetuando uma passagem, sob a condição de estudante de pós-graduação, para pesquisador. Combinamos, eu e a professora Thereza Coelho, como iniciaríamos a condução do grupo. Entretanto, ao chegar ao local, algo inesperado aconteceu. Neste dia, fui apresentado ao grupo como mestrando do IHAC que faria a pesquisa sobre

“orientação acadêmica e profissional entre os alunos do BI de Saúde”, além de Psicólogo e Cientista Social. Logo após a minha apresentação, foi solicitado que os alunos se apresentassem e discorressem sobre as motivações que os levaram até ali.

A partir desse disparador, a interação grupal se deu, não mais precisando de condução, pois a escuta possibilitou a fala livre. Diferentes foram as temáticas que circularam no grupo, neste dia. Dentre elas, podemos citar algumas: desafios da vida universitária, primeiras impressões sobre a universidade, motivações para a escolha do bacharelado interdisciplinar em saúde, relações interpessoais etc. Saímos surpresos com o que ocorrera já num primeiro encontro.

Faz-se também importante pontuar que ser apresentado pela professora citada teve efeitos que apenas no só depois tive acesso. Para alguns, eu era alguém que detinha um saber, ainda mais em se tratando das representações que se tem sobre os psicólogos. Podemos aqui perceber aspectos germinais da transferência, conceito formulado por Freud (1912/1969) em *A Dinâmica da Transferência*. Toda relação humana, não apenas na clínica, é atravessada pelos fenômenos transferenciais. Cada sujeito, através da combinação de disposições inatas e das influências sofridas nos primeiros anos de sua vida, constrói uma maneira singular de conduzir sua vida amorosa, desenvolvendo, assim, clichês estereotípicos que são constantemente reimpressos em sua vida nas relações que estabelece. Todas as relações de amizade, simpatia, confiança e similares são marcadas pela transferência que tem em seu bojo a dimensão sexual.

A transferência é também uma suposição de saber. Atravessado por ela, outorga-se a outrem algo sobre si mesmo que está situado no campo do (des)conhecido. Supõe-se que o outro tem um saber sobre o sujeito muito mais que ele mesmo. A transferência é necessária para que a análise se dê, daí ser nomeada como o motor da análise. Só quando suponho que o outro tem um saber, me coloco em movimento, direcionando-me a ele em busca de respostas (GOBBATO, 2001).

Para Coulon (2008), o primeiro contato com o mundo acadêmico, além do trivial, causa-nos impacto. Esse período é nomeado como tempo do estranhamento. É preciso se tornar nativo, ou seja, membro de uma dada cultura a partir dos processos de aprendizagem e de afiliação. O primeiro contato é marcante e por vezes desestabilizador. A partir do segundo encontro, abriu-se mais espaço para a escuta das questões trazidas pelos alunos, respeitando a dinâmica do próprio grupo, formado por sujeitos singulares que partilhavam uma vivência em comum: o ser universitário. Em

psicanálise, metas e estratégias são sempre pensadas no caso a caso e, à medida que os encontros foram ocorrendo, íamos pensando as estratégias.

No momento em que fui apresentado, algo se deu em mim. Geralmente somos apresentados como alguém que possui um saber e as pessoas, ao se depararem com nossa identidade profissional, acabam vendo em nós características que não necessariamente nos pertence. Neste dia, fui atravessado por um turbilhão de emoções, pois estava efetuando uma passagem na pós-graduação, semelhante à discutida por Coulon (2008). Um aprendizado haveria de ser feito e, conseqüentemente, um processo de afiliação. Para os alunos, eu era um profissional da psicologia e das ciências sociais, mestrando. Para mim, eu era um aluno que estava aprendendo a fazer pesquisa, cheio de dúvidas, medos e incertezas. Ou seja, estava em transição e tinha que lidar com a mesma sem falar aos outros. Por tantas vezes, me sentia mais um entre eles, na condição de aluno, aprendiz. Apesar disto, um lugar me foi dado e eu precisava ocupar, aliás, já estava ocupando.

O manejo do grupo levava em consideração algumas prerrogativas freudianas que, a nosso ver, produziam efeitos singulares, se compararmos a outras formas e maneiras de se efetuar uma “orientação acadêmica e profissional”. Freud (1912/1969), em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, considera que a associação livre é uma das regras fundamentais do método psicanalítico. O que se objetiva é não atentar para algo específico, nem manter uma atenção uniforme, mas uniformemente suspensa em relação a tudo o que se escuta. A única exigência é que o paciente fale livremente o que lhe vier à mente, abandonando os constrangimentos e as exigências externas. Ao paciente, portanto, é pedido que fale e, ao analista, que conduza sua escuta por meio da atenção flutuante. Em alguma medida, possibilitamos que tal fenômeno ocorresse no grupo de orientação acadêmica e profissional, produzindo efeitos.

O início desta pesquisa coincidiu com o início do semestre, logo, com o período denominado “calourada”, onde, geralmente, os veteranos fazem algum tipo de recepção aos “calouros”, que são aqueles que estão recém adentrando na Universidade. Coincidentemente, uma das discussões efetuadas no grupo foi acerca da existência ou não da violência na chamada calourada. Neste dia, o debate foi intenso e entusiástico. Para alguns, a calourada não deveria existir porque muitos alunos são colocados em situação de humilhação diante dos veteranos. Outros, defendiam a sua existência, alegando que os que se submetiam, faziam por vontade própria. Já em outras falas,

afirmava-se que os que realizavam as tarefas, já eram movidos pelas pressões dos veteranos que ameaçavam de forma direta ou sutilmente. Havia também reclamação acerca daqueles que ficavam zombando dos calouros. O relato dos trotes era referente àqueles ocorridos com os alunos que ingressavam, principalmente, nos cursos de medicina.

Cabe aqui ressaltar que a UFBA, há alguns anos, tem propiciado a “calourosa”, uma forma institucional de acolher os novos alunos em um ambiente mais demarcado e protegido. Apesar disso, há várias iniciativas dos alunos de alguns cursos, em especial os mais concorridos, que promovem a calourada e o trote. Observemos que a mudança do nome implica uma nova maneira de se pensar a entrada na cena universitária.

É preciso pensar a complexidade do trote em termos culturais. Em todas as sociedades há formas de socialização e rituais de passagem que demarcam o lugar e status de seus membros. O rito tem a função de comunicar um saber ao iniciante sobre sua sociedade. Acerca da violência presente em alguns ritos de passagem, verifica-se que há a violência da dor física infringida aos jovens pelos mais velhos. Entretanto, essa violência é demarcada pelo rito, havendo o controle realizado pelos mais velhos, que impede que chegue a graus extremos. Tornar-se adulto implica morrer para a infância e perder o mundo desocupado e feliz deste período. O ritual é uma pedagogia profunda, de um determinado grupo social (TOMMASINO & JEOLÁS, 2000).

A institucionalização, proposta pela UFBA, pode favorecer espaços mais ritualizados e menos violentos, monitorados por sujeitos que representam a instituição. Dessa forma, não se abole o rito historicamente construído, mas ressignifica-o, de acordo com as configurações atuais. Os rituais implicam processos de formação e de socialização de todos na tradição, nos compromissos e conhecimentos do grupo. Sendo assim, é através dos rituais que o ser humano se humaniza. A zombaria também faz parte de muitos ritos de passagem. Entretanto, argumenta-se que, nas sociedades ocidentais modernas, tem-se pulverizado e fragmentado os rituais, onde seus membros explicitam conflitos e tensões latentes na hierarquia social.

Os jovens nos contextos atuais se deparam com uma multiplicidade de papéis sociais, valores e referências. Há também a perda da força vital dos rituais tradicionais, que se tornam provisórios e pouco enraizados. Hoje, nenhum rito proporciona referências e valores estáveis (TOMMASINO & JEOLÁS, 2000).

Ainda segundo Tommasino & Jeolás (2000), o trote se apresenta como ritual na universidade, como prova iniciática. Sendo o vestibular um instrumento de seleção e de exclusão, visto o não acesso de parcelas consideráveis da população à universidade, tem o trote a característica de instante do verdadeiro desabafo e catarse perante a grande disputa, vivenciada no período anterior do vestibular, que resultou na aprovação. Não é à toa que a maioria dos trotes tem ocorrido em cursos bastante competitivos, tais como medicina, direito e engenharias.

Nas primeiras semanas do semestre, pude observar alguns momentos em que o trote ocorreu no campus de Ondina (UFBA). Esses momentos eram sempre marcados por alguns discentes que conduziam o trote e por outros, em número maior, que se submetiam às tarefas propostas, que envolviam música, gritos, torcida, tintas, areia, dentre outros elementos. Enquanto observador externo, pude verificar, ali, uma inserção dos novos alunos ao convívio universitário. Parecia que os mesmos realizavam com satisfação as tarefas propostas.

No tocante às questões acima citadas, as contribuições de Silva e Ludorf (2012) são também importantes para se compreender a entrada em um novo grupo que, em nosso caso, é a Universidade. No primeiro momento, é preciso que o aluno faça uma travessia, saindo do não lugar para ser incorporado no grupo novo do qual fará parte. Para tal feito, entra em ação uma série de mecanismos, sinais, signos, marcas corporais etc. A passagem é plenificada quando se ocupa um novo lugar e no instante em que o indivíduo é acolhido pelo outro grupo, tornado mais um semelhante, assumindo, então, uma nova identidade.

Na medida em que a pesquisa foi se desenvolvendo, íamos pensando e repensando sobre a nossa trajetória. Em certo momento, almejamos conhecer outros grupos de orientação acadêmica. Entretanto, isso não foi possível. Os horários eram muito diferentes e nem todos os professores tinham horários fixos, articulando-os com as diferentes demandas da universidade. Conversando informalmente com duas professoras, houve queixa em relação a pouca implicação na orientação acadêmica e profissional por parte dos alunos. Relataram que esses já estavam demasiadamente decididos pelo curso, não vendo muito sentido no processo de orientação. Talvez haja ainda uma incompreensão sobre a proposta da orientação acadêmica e profissional, que não se resume a fazer com que os alunos repensem a escolha, apesar de alguns realizarem este movimento.

Alguns alunos também pensavam de forma semelhante às professoras citadas, ao dizer:

[...] Os alunos de saúde sempre tem medicina como primeira opção e segunda opção é medicina... os que não conseguirem esses... é... pensam na segunda opção é necessário... a maioria dos meus colegas não pensam na segunda opção[...] (Moisés).

[...] Meu caso mesmo, no primeiro semestre eu já tinha o que eu queria como segunda opção, porque eu percebi que medicina era muito concorrido e que eu tinha que pensar em algo pra não chegar e ficar frustrado lá no final do curso e achar que estes três anos foram jogados fora. (Moisés).

Aqui ressaltamos, baseados em Soares (2002), que há um forte estereótipo em relação a função da orientação profissional. O senso comum acredita que orientar é apenas dar respostas acertadas por meio de instrumentos mensuráveis, tais como os testes psicológicos e outros inventários. Orientar não é, na perspectiva que aqui defendemos, dar respostas, mas auxiliar nos processos e facilitação das trajetórias dos sujeitos.

Ao se discutir a Universidade e seus desafios, Coulon (2008) afirma que o processo de afiliação se dá quando há um ambiente favorável à compreensão e apropriação do mundo universitário. Poderia, então, o espaço da orientação acadêmica e profissional ser esse lugar de acolhimento das demandas dos alunos. O primeiro ano, sabe-se, é decisivo para “aprender a Instituição”, sendo essencial, afirma Coulon (2008), para afiliar-se intelectualmente e institucionalmente.

Em se tratando do grupo, o mesmo era, na maioria das vezes, um espaço de expressão dos pensamentos, reflexões e angústias vividas na universidade. “Fazer um curso pouco conhecido, pouco falado, em que as informações são difíceis e inconsistentes gera, em muitos, uma sensação de desespero enorme”, relatou um graduando. Outros diziam que determinados questionamentos lhe perpassavam, tais como: “o que estou fazendo aqui?”; “onde esse curso vai me levar?”; “o que eu vou fazer com essa graduação tão estereotipada, tão inespecífica e não-profissionalizante?”; “vou conseguir entrar em um CPL (Curso de Progressão Linear) depois?”; “E se eu não entrar em um CPL, o que eu vou fazer?”; “Posso entrar no mestrado com minha formação em BI Saúde?”; “O que pensarão de mim?”; “E a minha família?”; “Como

será voltar pra casa sem a formação em medicina?"; "Será que é melhor ficar aqui ou no cursinho?"; dentre várias outras dúvidas que os angustiavam.

Algumas das falas citadas anteriormente corroboram a necessidade de se pensar sobre o fato de os alunos ingressarem na universidade ainda com poucos elementos para conhecer e discernir a profissão escolhida. Sendo assim, isto deve ser levado em consideração ao se promover modificações nas estruturas do ensino superior brasileiro que façam com que se construam currículos mais flexíveis e que não se prendam apenas a rigidez da formação profissional, numa lógica linear, mas que possibilitem o experimentar a universidade com suas possibilidades (WANDERLEY, 2003).

Ressaltamos que os cursos de progressão linear (CPL) são os cursos tradicionais da UFBA, profissionalizante. A maioria dos alunos do BI que participou da orientação, almeja dar prosseguimento aos estudos, por meio desse modelo de formação, e, em especial, no curso de medicina.

Em um dos encontros, os alunos relataram a dificuldade que era conviver com a antiga estrutura da UFBA, que não se abriram ao novo modelo formativo, instituído pelos Bacharelados Interdisciplinares. A "UFBA NOVA", que tem repensado a arquitetura curricular, tem como um dos desafios conviver com a estrutura da "antiga UFBA" e seu modelo de progressão linear. Entretanto, a "antiga UFBA" é composta por diferentes faculdades e, a depender destas, abrirão, ou não, as portas, para os alunos do BI em Saúde adentrarem. Muitos alunos relataram, em grupo, a dificuldade que encontravam ao se inscrever em componentes curriculares, bem como a não acolhida por parte de alguns professores das outras faculdades, que não os viam com bons olhos, existindo aí uma tensão nas relações estabelecidas com os professores, colegas e no processo de ensino-aprendizagem. Essa tensão parece ser central na relação estabelecida entre o BI em Saúde e algumas faculdades da própria UFBA

[...] medicina não oferece vagas pra disciplinas... (Moisés).

[...] por outro lado o BI não tem muita oportunidade de conhecer o curso de medicina e ainda tem o medo de pegar as matérias e não se sair muito bem... todo mundo comenta do BI que é a dificuldade de entrar em medicina... as matérias que são disponíveis, algumas precisam de pré-requisito, ou seja, eu não sou louca de pegar... e também esse medo de ir pra lá [...] (Maria).

Nesse sentido, o pensamento de Sampaio (2011) acerca das tensões entre o modelo de formação disciplinar e o interdisciplinar é profícuo para analisarmos as experiências de mal-estar vivenciadas por muitos alunos que se veem impedidos de desfrutarem de alguns cursos da Universidade.

Os alunos expuseram também a diferença no processo formativo possibilitado pelo BI, pois consideraram que eram mais preparados para os debates em sala de aula, não apenas concentrados na fala do professor, mas compartilhado entre os pares. Esse modo de formação não era percebido nas faculdades mais tradicionais que, segundo relatos, tinham até configurações espaciais diferentes. O lugar do professor, em algumas salas, era em um patamar mais elevado e as cadeiras necessariamente enfileiradas, sendo as aulas expositivas. No BI, existiam mais aulas dialógicas e, quando possível, a arrumação das cadeiras era circular. Há também uma tensão, por vezes explícita, entre o BI e outros cursos.

[...] eu acredito que o BI tem um acolhimento maior, mais humano... (Em outros espaços) tratam os alunos como números que a Universidade tem não como pessoas que estão ali para aprender e amadurecer [...] (Maria).

[...] Se você tivesse pegado (referindo-se a disciplina de um curso tradicional) com C. você teria outra visão da matéria, porque eu peguei essa matéria e me arrependi profundamente.... Ela (a professora) escolhamba o BI... Ela falou que ia se aposentar por causa do BI, ela disse que eu vou me aposentar porque não tenho condições de dar aula pro BI. [...] (Maria).

As considerações ponderadas por Coulon (2008) acerca do impacto que a afiliação institucional e intelectual produzem nos sujeitos, na passagem efetuada para a condição de estudante, puderam ser verificadas acentuadamente na fala de um dos entrevistados:

[...] você tem que saber significar as coisas (...) eu comecei a perceber que eu estudava para decorar, pra escrever uma prova e eu passei a ver que estudar para significar conhecimento em sua vida, agregar (...) intelectual (...) você aprende muito mais fácil, você aprende muito mais rápido. Você não precisa ler duas, três ou quatro vezes porque você começa a fazer conexões com outras coisas em outros momentos em sua vida e com outras coisas que significam alguma coisa em sua vida (...) isso me modifica diariamente (...) posso utilizar esse conhecimento para modificar outras pessoas para o bem, entendeu?

Tirá-la do ostracismo educacional, desse tipo de conhecimento decorar, decorar [...] (Davi).

Pontuamos também que o grupo de orientação acadêmica e profissional, conduzido por nós, era realizado em círculo, não havendo destaque das figuras que estavam na função de orientador ou facilitador. Um observador externo, ao adentrar na sala, teria dificuldade em nos identificar. Provavelmente, essa configuração ocasiona efeitos na circulação dos discursos e isto se podia verificar nas interações. As falas eram também dirigidas aos pares, sobremaneira. Na maioria das vezes, os próprios alunos se auxiliavam no processo de construção das respostas às questões trazidas, conforme relatos a seguir.

[...] foi uma oportunidade de sanar algumas dúvidas que eu tinha e também de ter algum contato que a gente era muito centrado em 4 pessoas... houve a possibilidade de partilhar mais informações até com outras pessoas e foi importante nesse sentido. [...] possibilitando de ter contato com outras pessoas que a gente não tinha... fortalecendo os laços [...] (Maria).

[...] As experiências dos outros... a gente ouvia as histórias dos outros alunos...da faculdade... agora mesmo lembro vagamente... a parte mais produtiva foi a do primeiro semestre... via os alunos, conhecia um pouco mais da universidade [...] (Moisés)

Ao se estudar o *modus operandi* das instituições, é importante analisar as implicações dos sujeitos com a instituição. O que se entende como implicação é a relação que os indivíduos desenvolvem com a instituição. Nessa perspectiva de análise, afirma-se que o indivíduo é tomado pela instituição, querendo ele ou não. A implicação existe mesmo que não se deseje. Em se tratando do ambiente universitário, há sempre aspectos ideológicos que devem ser investigados; e, em relação às pesquisas, o trabalho do pesquisador é saturado de subjetividade. Essas ressalvas são importantes, para se pensar a produção aqui discutida. Estamos implicados com nosso objeto de estudo. Talvez essa questão transpareça nas entrelinhas da escrita.

A análise das discussões, produzidas no grupo de orientação acadêmica e profissional, tem demonstrado que a escolha profissional se dá motivada por complexos determinantes, que estão imbricados entre si. Nos relatos, verifica-se, por exemplo, a influência das questões macroeconômicas na escolha da profissão. Muitos alunos

sonham com o curso de medicina porque, em tempos de precarização das relações de trabalho, desemprego e desrespeito às leis trabalhistas, a profissão de medicina ainda é a que oferece os maiores salários, quando comparada aos de outras profissões do campo da saúde, além de ser um dos cursos mais tradicionais, que possibilita ao sujeito um status social. A busca por este status se presentifica na disputa que ocorre no próprio BI, geradora de conflitos diversos. As falas a seguir revelam algumas percepções sobre tal fenômeno.

[...] fala-se muito em vocação, eu nasci pra ser médico, eu quero ser médico, mas quando eu questiono, é, o abrir mão do de você, o abrir mão do status da profissão, o abrir mão da profissão, o abrir mão do dinheiro da profissão, ninguém quer ser médico, então quando fizeram aquela lei que agora o estudante de medicina tem que prestar dois anos de serviço no SUS, todo foram contra, todos disseram que eles não estudar medicina pra trabalhar no SUS, e o meu comentário é, nossa onde estão as irmãs dulces da medicina da nossa sala, porque vocês entram com um discurso de irmã Dulce, medicina pros pobres, porque medicina é minha vocação, minha vocação é cuidado das pessoas, é ver a pessoa bem, é ver o bem estar, dá um conforto e não sei o que lá, aí quando você é obrigado a ir pro SUS trabalhar com essas pessoas, você não quer, você quer trabalhar onde, numa clinica particular com ar condicionado, cobrando 500 reais a consulta, aí isso gerou algum atrito entre eu e algumas pessoas da sala. (Davi).

[...] até onde vai a vocação, e até onde é quesito social, até onde é uma questão social, é algo colocado pela família, colocado pela sociedade de ser médico ou até onde vocação [...]então quando fizeram aquela lei que agora o estudante de medicina tem que prestar dois anos de serviço no SUS, todo foram contra [...] ah não, eu não vou estudar medicina para ir trabalhar em tal lugar. Eu vou estudar medicina pra trabalhar no português, então qual é a vocação dessas pessoas para medicina? Não é uma vocação para medicina, é uma vocação para ter um statusque a medicina vai dar, o dinheiro que a medicina vai dar pra ter um carrão, pra ter um ar condicionado e dizer que é médico (Davi).

[...] Eu tinha uma impressão dos meus colegas antes de entrar na faculdade pelos comentários das pessoas... eu soube de vários episódios que aconteceram no primeiro semestre, inclusive me aconselharam: fique esperta com tal pessoa. A impressão do BI e Saúde pra quem tá fora da faculdade é... uma impressão negativa como relação a relacionamento com os colegas... em relação a competição... levam muito a sério... sem se preocupar com o que a pessoa é... Desde antes de entrar na faculdade eu já escutava... Eu me sentia muito pesada. Depois que saia da matéria só me dava vontade de chorar ou de mudar pra outro BI... Aqui dentro todo mundo vê que é BI de medicina... Os outros Bis são muitos tranquilos. (Luiza).

[...] tem uma palestra? Os colegas não avisam não... que tem carga horaria pra você formar... você tem que ter uma certa carga horaria... os amigos não avisam não... é complicado, muita coisa. [...] (Luiza).

Ribeiro et al (2011) consideram que o mercado de trabalho da área de saúde vem sofrendo constante desvalorização, tornando-se cada vez menos atraentes aos jovens, apesar do status que ainda possuem, em especial em relação aos cursos de medicina que ainda têm uma considerável diferença social e de status quando comparados aos demais.

Conforme Vasconcelos e Oliveira (2004), com a ameaça do fim dos empregos, considerados estáveis, e aumento do trabalho informal, houve consideráveis transformações no ato de escolher a profissão. Receosos de não encontrar trabalho, muitos têm escolhido profissões que possibilitem outros tipos de “vínculo empregatício”, como trabalhador liberal, autônomo etc. Esse fenômeno faz com que muitos não mais escolham uma profissão por identidade, mas por outros interesses. As flutuações do mercado provocam redirecionamento de opções, comportamento que vem se firmando como lugar comum.

Houve um encontro de orientação acadêmica no qual apenas uma aluna participou. Este foi o único momento em que a mesma compareceu. Pus-me a escutá-la, enquanto trazia suas questões. Dentre elas, declarou que era formada em enfermagem e que resolvera cursar medicina depois de verificar os baixos salários propostos nos concursos e seleções para enfermagem. Alguns estavam oferecendo salários na faixa de R\$ 1.000 para carga horária de 40hs. Relatou que gosta muito da profissão escolhida, entretanto, a configuração do mercado de trabalho atual teria lhe compelido a repensar a escolha.

Em outros momentos de orientação, eram trazidas questões semelhantes. Alunos já com formação acadêmica, se questionavam se valeria a pena ficar nove anos fazendo um curso superior, quando contados o tempo do BI e do curso de medicina.

[...] Eu me sinto atrasado, eu tenho 22 e a maioria dos meus colegas tudo já se formaram. Tenho colegas que já estão fazendo mestrado enquanto eu vou ainda me formar no BI pra seguir pro CPL... a maioria dos meus colegas tem 17, 18 anos a idade... alguns vão se formar agora comigo... vão se formar com 20 praticamente e eu vou me formar com 23. Então, eu me sinto atrasado... acredito que eu demorei pra fazer escolhas -. Se eu tivesse me formado antes e não tivesse gostado teria que fazer faculdade de novo [...] (Moisés).

Outros não sabiam se iriam sustentar essa escolha, diante de outras demandas como a necessidade de trabalhar ou desempenhar outros papéis sociais, além do de estudante universitário. Entre algumas mulheres, havia a preocupação com o desejo de

ser mãe, visto que três anos de BI em Saúde e mais seis em medicina poderia impedir a realização desse desejo, por causa do avançar da idade. Ser mulher, em cidade do interior, diziam, não era algo fácil, pois havia uma forte coerção para que se mantivessem nos papéis tradicionais construídos para a mulher: mãe e esposa, afeita aos afazeres do lar. Qualquer tentativa de construir outro lugar social não era visto com bons olhos.

Em alguns encontros a vivência da sexualidade era tema do dia. Foi em um destes que soube da existência de comunidades virtuais onde se marcavam os encontros afetivo-sexuais e amorosos, paqueras e postagens de fotos da pessoa vista nos arredores da universidade e nos itinerários do Buzufba (ônibus gratuito que faz o traslado dos alunos entre os campi). Havia uma estratégia que era tirar a foto da pessoa considerada bonita e atraente (“os boys magia do buzufba”) e postar na comunidade virtual (fanpage aviãozinho da UFBA) para que outros pudessem dizer quem era, qual curso fazia e se era ou não comprometido. Já em outras comunidades, a vivência sexual era mais exposta, compartilhando inclusive os locais de “pegação” (Fanpage UFBA da Putaria). As relações afetivo-sexuais eram, portanto, tema relevante na vida universitária, seja entre aluno-aluno, professor-aluno ou professor-professor. Nada escapava aos comentários dos discentes.

Cabe aqui pontuar que a presença de uma aluna ou, às vezes, duas, do BI em humanidades possibilitou ao grupo repensar algumas questões da vivência no BI de Saúde, pois ficava em evidência que a maneira como o curso se inseria na dinâmica da universidade provocava conflitos não existentes no curso de humanidades. As relações eram menos conturbadas e havia, segundo discurso de alguns, maior preocupação com a qualidade da formação sem sofrimento demasiado. Essa configuração diferenciada ocorria em um cenário no qual não há competitividade exacerbada, visto existir vagas suficientes para todos os alunos que desejem fazer os cursos de progressão linear, em especial o de direito que é o mais desejado, diferente do BI de Saúde.

As incertezas sobre as escolhas, acerca da matéria a ser cursada, sobre cada procedimento interno da universidade, sobre a quem recorrer, estavam presentes em várias falas, corroborando assim a necessidade de se pensar processos de orientação no ensino superior, tal como preconizado por Bock e Aguiar (2011). Em muitos encontros, os alunos saíam mais aliviados; noutros, perpassados pela angústia, saudade da família e se questionando sobre o mercado de trabalho e a redução dos salários em algumas

profissões da saúde, pois muitos percebiam que gostavam também de outros cursos, mas que não pagavam altos salários aos seus profissionais, inclusive nos concursos que aconteciam em território nacional. Algumas alunas, por exemplo, relataram certa decepção com os salários pagos aos outros profissionais de saúde, o que favorece a procura por profissões que possibilitem maior poder econômico e prestígio social.

[...] eu sou médico, eu tenho o meu consultório, eu vou ser rico, eu vou ser médico... estudo tanto pra subir nessa pirâmide de classe, nesse movimento social... ser médico que te dá um status que te coloca lá em cima... você subiu, agora você vai pro shopping barra de carrão, do consultório, classe média alta, sempre ali nos restaurantes [...]. (Davi).

Entre os alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, verificou-se uma concorrência desleal, o que acabava prejudicando as relações interpessoais, pois a competição destruía os vínculos de solidariedade, fazendo com que imperasse a lei de “cada um por si e Deus por todos”. Muitos narravam o cansaço e estresse devido a tal preocupação, que acabavam dificultando os processos de afiliação intelectual e institucional à universidade, que são uma das propostas dos novos cursos da UFBA.

[...] É Bi de Saúde na teoria. Aqui dentro todo mundo vê que é o BI medicina.... infelizmente foge à proposta, na minha opinião... os outros ou Bis são muito tranquilos, até as relações são diferentes, o relacionamento é diferente... mas, assim, toda regra tem sua exceção. [...]. (Luiza).

[...] realmente, é uma disputa... não se propagam as informações [...]. (Luiza)

Tomando como base a fala acima, ponderamos que a proposta do BI, observando o projeto pedagógico do curso (UFBA, 2010), é possibilitar que o estudante possa vivenciar as três culturas que compõem a Universidade em suas dimensões humanística, artística e científica. A entrevistada reconhece que não levar em consideração a interdisciplinaridade proposta pelo BI é fugir à proposta do curso. Muitos outros alunos corroboraram sua fala quando expuseram a riqueza que é ser integrante de um curso com essa característica.

Outro aspecto que queremos discutir refere-se à necessidade de se pensar também o espaço da orientação como promotor de processos de afiliação afetiva à

universidade, principalmente em se tratando de um curso marcado por conflitos interpessoais provocados, dentre outros fatores, pela busca da tão sonhada vaga. Coulon (2008) propôs dois tipos de afiliação (Institucional e Intelectual). Nessa tessitura, propomos, então, a necessidade de se pensar uma terceira afiliação, a afetiva. Sendo alta a concorrência para o curso de medicina, esses fenômenos tomam maiores proporções. Diante disto, cabe aos orientadores promover espaços que favoreçam o diálogo e a construção de estratégias de enfrentamento da passagem que é, para muitos, o BI, bem como de vínculos mais solidários.

Contou-me uma aluna, em particular, que tinha medo de falar no grupo, pois não sabia da reação dos colegas, pois considerava que havia muitos conflitos no BI por causa da disputa por uma vaga em medicina. Em outro momento, outra discente relatou que tinha até receio de dizer quais disciplinas pegaria, pois não confiava nos colegas. Portanto, sempre escolhia sem compartilhar com os mesmos. Uma questão que aqui se coloca é: em que medida os conflitos existentes entre os discentes dificulta a adesão e frequência ao grupo de orientação acadêmica?

Muitos alunos diziam que era difícil conciliar os diferentes horários das disciplinas, com as demandas diversas das produções acadêmicas, com a orientação acadêmica e profissional, pois não cumprir as tarefas propostas pelos professores implicava nota baixa e isto não era o desejo da maioria. Toda estratégia deveria, assim, ser planejada, para não se prejudicar posteriormente. O que consideravam também importante na participação do grupo era a possibilidade de aumentar a carga horária complementar imprescindível para a formação.

[...] Acho que eu vi alguém comentando: “vamos que ganha hora.” É porque tem essa carga horária que temos que cumprir. Aí pronto, tudo que ganha hora tem que ir. [...] (Luiza).

O BI em Saúde tem como uma de suas marcas a possibilidade de cada aluno construir sua trajetória curricular de maneira singular. Alguns consideram essa possibilidade de forma positiva, já um aluno, em especial, devido a sua história de formação acadêmica, marcada por idas e vindas em diferentes cursos e instituições, deixou transparecer em seu discurso que a abertura a diversas possibilidades de trajetórias formativas acabava colocando-o numa posição de dúvida quanto às suas

escolhas. Diante disso, manifestou acreditar que um curso com uma grade curricular seria melhor para si.

[...] Eu penso que o BI é (...) o fato do aluno ter oportunidade de conhecer um pouquinho de cada área não ajude, acredito que complique mais ele, porque você segue num curso já direto em CPL, você não conhece os outros cursos: Isso é uma ignorância se não se sabe, se não se sabe se você ia se dar bem em outras áreas. No BI você conhece um pouquinho de cada, a melhor coisa que vai acontecer no BI é, se você fizer sua escolha, teoricamente será bem pensada e você vai ter, vai ter melhores chances de se dar bem naquela carreira que você escolheu [...] (Moisés).

Um dos encontros me marcou profundamente, pois ousei começar diferente. Visto que tinham muitos alunos novos, solicitei que se apresentassem indo ao quadro e escrevendo ou desenhando algo que os representassem. Posteriormente, pedi que escrevessem sobre como estava sendo a vivência universitária naquele primeiro semestre. Em seguida, solicitei que falássemos sobre. Neste dia, considerações interessantíssimas surgiram, pois ao falar sobre si, muitas questões pessoais surgiram, como a de Mateus: "...até o segundo ano do ensino médio, eu não sabia o que era vestibular". Relatou o desafio que era se manter estudando, pois boa parte de sua família não acreditava em seu sucesso e já, há anos, vinha tentando, via cursinho pré-vestibular, adentrar no curso de medicina, sem sucesso. Resolvera, então, fazer o BI em Saúde, mas se questionava se valeria à pena tal empreitada. Não eram poucos os alunos que escolhiam esse curso como passagem para cursar medicina, mas também se questionavam se valia à pena ali continuar.

Alguns alunos relatavam que, a depender do curso, não se apresentavam como alunos do BI para não sofrerem retaliações ou constrangimentos. Diziam que o simples ato de escolher uma disciplina não era sem dificuldade, pois alguns colegiados desenvolviam estratégias para dificultar a matrícula.

Para um determinado aluno, a arquitetura curricular do BI lhe causava muito desconforto, pois achava que tudo era muito aberto. Dizia que preferia algo mais formatado, pois já tinha vindo de uma formação inconclusa em engenharia numa faculdade privada e estava no BI em Saúde almejando medicina. Entretanto, meses depois, já na entrevista que fiz com o mesmo, relatou que estava decidido em mudar de BI, pois o seu percurso nas disciplinas fez com que conhecesse outros campos de saber.

Seu único medo era o tempo passando, pois por vezes se ressentia de ver seus amigos já concluindo cursos, enquanto ele ainda refazia suas escolhas. Entretanto, considerava que fez a escolha acertada. Já outros alunos, consideravam a interdisciplinaridade proposta pelo BI como algo enriquecedor para formação, bem como para a escolha da profissão além daquelas escolhidas em idade anterior.

[...] Desde 2009 que o professor do cursinho achava a proposta muito interessante... A gente chega no cursinho muito novo. A gente acha que é uma coisa, mas não é... A gente sempre tá mudando de opinião.  
[...] (Luiza).

[...] Quando a gente tá aqui, a gente muda o pensamento totalmente, hoje eu enxergo de outra maneira... Essa questão da interdisciplinaridade. De você pegar uma matéria de biologia... direito, você é livre para pegar qualquer matéria... é o meu exemplo, né eu sou do bi de saúde e pego matéria de fotografia, já peguei de veterinária, biologia, tô pegando em teatro [...] (Luiza).

O que muitos afirmavam, principalmente nas entrevistas realizadas, era que o espaço de orientação acadêmica e profissional foi muito importante para seu percurso na universidade, principalmente no primeiro semestre, pois chegavam completamente perdidos e ali podiam compartilhar suas dúvidas, anseios e medos, bem como as estratégias de sobrevivência na universidade.

[...] a faculdade particular parecia uma escola, um colégio mais difícil e na UFBA você tem um aprofundamento do ensino... na UFBA assim, é um mundo né [...] (Moisés).

[...] queria amadurecer também na universidade e aí... optei pelo BI... o colégio não é grande, é uma realidade muito diferente [...] (Maria).

Narrou uma aluna que o nome deste dispositivo deveria mudar, pois parecia muito formal, acadêmico e frio. Deu-me, então, como sugestão, falar aos professores que mudassem o nome para um mais próximo dos estudantes e que os conquistasse para participar do grupo.

Levando em conta os parágrafos anteriores, as pontuações de Bock & Aguiar (2011) se fazem muito pertinentes, pois é em tempo de crise, sejam elas quais forem, em suas diversas configurações, que a orientação tem sua função. Orientar seria possibilitar

que as pessoas se deem conta de seus contextos, bem como de suas questões mais íntimas tais como os medos, anseios, desejos e constrangimentos na tentativa de empoderar os sujeitos. As intervenções por nós feitas em grupo também tinham essas premissas como pano de fundo.

Como dissemos anteriormente, corroboramos Sampaio (2011), ponderamos que a orientação acadêmica e profissional tem um grande desafio a enfrentar. Apesar de basear-se num modelo interdisciplinar, intrinsecamente ligado à proposta do Bacharelado Interdisciplinar, a mesma está situada num contexto universitário em geral ainda fortemente disciplinar, que tensiona sua função, que não se resume a ser um espaço de orientação ou reorientação da escolha profissional, mas de auxílio aos discentes no tocante à trajetória acadêmica, à complexidade da vida universitária em todas as suas dimensões e demandas, ao processo de afiliação. Todavia, verificam-se alguns sentidos produzidos pelos alunos quando utilizando este dispositivo, bem como vivenciando os itinerários formativos.

[...] A universidade ela é muito nova pra gente. É um universo totalmente desconhecido. Então a gente tem muitas coisas boas que a gente poderia aproveitar, mas a gente não... não porque não sabe, então a orientação acadêmica vem pra mim, ela tem essa função de informar e de instigar o aluno a participar das atividades da universidade... a orientação acadêmica é muito útil nesse sentido[...] (Amanda).

Certa feita, logo após a aula da professora Thereza, adentrei a sala enquanto um grupo de alunos se arrumava para sair. Aos poucos, alguns foram se aproximando de mim para justificar o porquê de não participar, naquele dia, do grupo. Diversas foram as justificativas: cansaço, excesso de demandas nas variadas disciplinas, o "não entendimento da proposta" da orientação acadêmica e profissional, inclusive alguns com pedido de retirada do nome da "lista", pois achavam que a participação era obrigatória. Prontamente, expliquei que a proposta não era de participação obrigatória em todos os encontros, mas sempre a partir da demanda de cada um, no tempo oportuno e necessário a cada sujeito. Apesar disso, fiquei pensando no que ocorrera. Naquele dia, ninguém ficou para o grupo e isto me inquietou.

Como em psicanálise, o *a posteriori* é importantíssimo, fiz algumas "leituras" sobre a experiência que estava vivenciando. Afinal, por que os alunos não puderam

focar naquele dia? No só depois, considere que ficaram muito mobilizados. Para além da minha decepção em não ocorrer o grupo, comecei a fazer leituras que me possibilitaram refletir que não ter o encontro, conforme o meu desejo, não era necessariamente um fracasso, mas também uma possibilidade de elucubrar sobre o fazer do pesquisador, do cientista em formação. Em se tratando dos processos de orientação profissional, lembrei-me que nem todos desejam ser orientados, pois, neste processo, há o deparar-se consigo, com suas questões e com as escolhas feitas até então.

Ressaltamos que há diferenças, como discutidas na revisão de literatura do presente trabalho, entre a orientação profissional que é feita pelos profissionais de diversos campos do saber - principalmente psicólogos - e a orientação acadêmica e profissional da nova UFBA que tem suas características próprias, seguindo as normatizações da instituição e efetuadas por professores com distintas formações.

Estar em um espaço de fala, escuta de si e do outro, de questionamento das escolhas e de reflexão pode ser extremamente angustiante para alguns. O (in)suportável pode aí se instalar, tendo que ser feito um manejo por parte do profissional “condutor” do processo. Acho relevante pontuar essas questões, pois a literatura supracitada também vai nesta direção. Cabe ao orientador profissional, nas abordagens tradicionalmente nomeadas como não diretivas, compreender os “direcionamentos” do grupo ou da pessoa que se submete à orientação. Nessa perspectiva, não escolher uma profissão é também uma escolha que deve ser respeitada. Ao falar aqui de orientação profissional, defendemos que alguém que se permita experimentar essa função, com todos os seus desafios, será capaz de contribuir sobremaneira com a vida acadêmica de muitos estudantes.

Outra temática que emergiu em um dos encontros foi a inquietação com a mudança na forma de ingresso nas Universidades Públicas Federais Brasileiras via ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Para alguns alunos, que se faziam presentes no encontro de orientação neste dia, a concorrência seria mais alta, pois estudantes dos vários cantos do país começariam a submeter suas notas do ENEM, por meio do SISU (Sistema de Seleção Unificada), em universidades longínquas, sendo a UFBA também alvo deste processo. O receio, portanto, era do aumento da concorrência, em especial no curso de medicina, anseio de muitos.

Uma das ideias que circulou fortemente foi “... eles vêm tomar nossas vagas”. Em certo momento, pontuei o ocorrido no curso de medicina da Universidade Federal

do Acre, que foi muito procurado via SISU. Apesar disso, segundo noticiado pela grande imprensa, no dia da matrícula, a maioria dos alunos não compareceu, tendo a instituição que convocar segunda e terceiras listas. Neste dia, também se discutiu sobre a interiorização das Universidades Federais em terras baianas. Consideravam que essas outras mudanças eram bem vindas, pois se abria a possibilidade de mais vagas no ensino superior público.

Em muitos encontros, o tema referente à disputa pelas vagas em medicina se fazia presente, por vezes gerando desconforto em muitos do grupo. Outra discussão que se fez presente nos encontros foi em relação a existência ou não das cotas na segunda fase do BI, ou seja, na passagem do mesmo para os cursos de progressão linear (aqueles nomeados como tradicionais e profissionalizantes). As cotas se inserem na cena das políticas de ações afirmativas que concretizado, nos últimos anos, em todo o território nacional objetivando reparar as desigualdades históricas produzidas pelo racismo e desigualdade social. Para alguns, a entrada na universidade os igualava no que se refere à qualidade do ensino recebido, capacidade de desempenho e concorrência entre os alunos. Já, para outros, a herança do ensino médio e fundamental se refletia também na graduação e isto deveria ser ponderado. As cotas seriam, então, dentro da própria universidade, um mecanismo propiciador de equidade. A UFBA segue, neste sentido, as orientações da lei federal que garante 50% das vagas para os cotistas como política de ação afirmativa presente em vários lugares do país. De acordo com a Lei nº 12.711/2012, é garantida a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos.

Ainda tratando das vivências no grupo de orientação acadêmica e profissional, confidenciou-me uma aluna que o que mais lhe marcava era a oportunidade de ser escutada, falar sem a censura do “não conte sobre sua vida”, “não conte a matéria que você pegará”, “não diga que vai fazer medicina”, “dedure o colega que está pescando”, “delete os arquivos passados pelo email pelos professores”. Segundo os alunos, esses fenômenos ocorriam devido a alta concorrência para o curso de medicina. Dessa forma, havia um movimento de retaliação dos concorrentes desonestos, entre outros. Essas falas evidenciam um pouco da vivência habitual destes alunos no BI em Saúde e do

sofrimento que muitos estavam submetidos. Era unânime o desconforto presente nas relações interpessoais por causa das disputas enfrentadas traduzidas no “Deus por todos e todos contra si”. Confesso que isto me angustiava diversas vezes. A escuta não era imparcial em alguns momentos. Pensava solitariamente: não quero jamais ser professor do BI em Saúde. Ironicamente, tempo depois, um aluno do BI me perguntou se eu teria coragem de ser professor deles ao partilhar sobre a realidade do curso. Prontamente, disse: não. Seria de outros Bis, mas não no de Saúde, declarei.

Para alguns alunos, a própria organização do BI possibilita essa configuração, promovendo distorções no processo formativo, quando se tem, por exemplo, o enfoque nas notas como demarcador da passagem para os cursos de progressão linear.

A insegurança em viver na dita cidade grande era também um desafio para determinados alunos oriundos do interior. Um grupo de meninas partilhou o medo que sentiam em andar pela UFBA, que tem um território relativamente extenso e possui locais perigosos, pois qualquer pessoa pode circular na Instituição. Como estratégia de enfrentamento dos perigos dentro da UFBA e fora dela, pois moravam no centro de Salvador, marcavam para ir e voltar juntas à Universidade.

A saudade de casa também foi algo que perpassou alguns discursos. Há, na UFBA, muitos alunos que vêm de pequenas cidades, mesmo após a interiorização da universidade e de outras faculdades públicas e privadas. Essa mudança de lugar é, para muitos, uma passagem para a vida adulta, pois percebem a cidade de Salvador como um território muito mais ampliado que o de origem, inclusive verificando maior distanciamento nas relações com professores e funcionários. Consideram, por exemplo, que os professores são mais distantes - quando comparando ao período escolar - e que a universidade, de certa forma, os torna menos conhecidos, pois são muitas pessoas, turmas e contatos feitos que os colocam em certo anonimato.

[...] Eu nunca me identifiquei muito com uma cidade pequena. Eu sempre quis vir pra Salvador, então foi uma maravilha... saudades da família, adaptação em si, mas eu fui feliz porque várias amigas do interior vieram comigo... eu moro com três meninas, é mais fácil. Elas fazem BI, uma inclusive já é formada... Eu cheguei meio voando, por isso eu entrei na orientação acadêmica [...] (Maria).

[...] Aqui na UFBA você é cobrado mais, você praticamente mora na faculdade... aqui tudo é mais intenso, é mais cobrança, mais responsabilidade justamente... isso com certeza ajuda no amadurecimento [...] (Maria).

[...] eu mudei para Salvador no primeiro vestibular que eu fiz... eu sofri muito quando em mudei, porque essa readaptação, procurar apartamento, não conhecer a cidade, se localizar espacialmente e fazer relações de amizade [...] (Davi).

Há, então, duas passagens feitas. A primeira refere-se à saída da cidade “pequena” para a grande, com todos os seus impactos no tocante ao modo de se viver, morar, se deslocar, alimentar, dentre outros. Já a segunda tem relação com a entrada no mundo adulto que é a participação na vida universitária. Em relação à escolha pelo BI, há relatos que evidenciam a utilização do curso como estratégia de travessia para os cursos de progressão linear da UFBA, coadunando com uma das possibilidades propostas pelos BI em Saúde.

A escolha pelo BI em Saúde não se dá ao acaso, mas é multideterminada, conforme defende Bohoslavsky (1977). Alguns relatos corroboram essa afirmação.

[...] Eu sempre fui curiosa... e como era pequenininha, tipo na escola mesmo, minha matéria preferida sempre foi ciências e aí gostava de corpo humano e ... você vai ser médica... mas eu não tinha noção de status de dificuldade de passar. Você vai se culpar porque tem que passar... é desde pequenininha[...] (Maria).

[...] Eu vim prestar vestibular para medicina e não passei. Então, eu parei, fui trabalhar e aí eu fui é... eu voltei a fazer cursinho e fiquei sabendo do BI e aí eu fiz o BI mesmo pra passar no BI, assim, não foi difícil como é em medicina.... [...] (Davi).

[...] Eu demorei muito tempo pra escolher o que eu queria ter de valor, porque eu tinha dois exemplos de valor muito diferentes e eu demorei muito tempo pra saber qual dos dois eu iria escolher... eu escolhi os valores de minha família pobre... o motivo que eu prestei o vestibular longe foi esse, eu não aguentava mais viver nesse ambiente. Depois que eu já quase pra ser maior de idade, já era maior de idade, eu pensei: vou prestar vestibular pra mais longe que eu puder [...] (Davi).

[...] Eu sempre quis fazer faculdade, na verdade sempre quis fazer medicina e aí eu não tinha confiança que eu ia passar. Então surgiu a oportunidade do BI [...] (Amanda).

[...] Eu já tinha medicina como primeira opção e oceanografia como segunda, terceira opção ainda não tinha pensado [...] (Moisés)

[...] Eu já tinha feito outros cursos antes em outras áreas: letras e engenharia civil. Não me identifiquei e tinha muita vontade de ingressar em algum curso da área de saúde. [...] (Davi)

[...] Meus pais não me pressionam não. Eles querem apenas que eu tenha uma profissão pra ter meu dinheiro, ter uma família. [...] (Luiza).

As falas acima também corroboram as ponderações de Castella (1999) quando afirma que a questão central dos processos de orientação profissional seria investigar quais os motivos da escolha profissional. Para tentar respondê-la, várias perspectivas teóricas foram criadas. Em nossa experiência, pudemos verificar que os determinantes das escolhas de nosso público alvo eram diversos: questões familiares, valores sociais, status, influência dos professores, dentre outros.

Em se tratando da função e efeitos do grupo de orientação acadêmica e profissional, variadas foram as contribuições que os alunos afirmaram ter percebido, dentre elas:

[...] A orientação acadêmica me ajudou muito porque quando eu entrei no BI eu não sabia que o BI formava profissional, eu achei que fosse mais fácil sabe? Que fosse ser uma coisa mais assim, mais fácil mesmo, mas não foi e na orientação acadêmica que eu conheci, as coisas que eu conheci, as coisas que fiquei sabendo... todas as informações de início eu tive na orientação acadêmica, inclusive sinto falta agora, acho que tem um monte de dúvidas e a gente fica assim meio... cadê a orientação? [...] (Amanda).

[...] foi uma experiência interessante... sabe... um fato interessante pra conhecimento e acredito que foi lá que eu decidi mudar... eu via os alunos falando de saúde... eu vi que aquilo ali, que aquela luta pro medicina não era para mim [...] (Moisés).

[...] serviu porque em vários momentos você tem dúvidas sobre como se, como pensar sobre a dúvida que você tem... quando você entra na orientação acadêmica você pode encontrar pessoas com a sua dúvida que tenham um outro ponto de vista sobre a dúvida e a resposta, entendeu? E você tem um profissional que media, que quando você esgota a possibilidade de pensar... ele te dá um suporte emocional, psicológico, teórico, metodológico pra você pensar, continuar com amadurecer o pensamento e chegar numa conclusão [...] (Davi).

[...] Ai entre as pessoas que querem e utilizam a orientação acadêmica como um momento de terapia porque está tão difícil, porque talvez ela já não quer mais, mas talvez ela continue porque a família quer ou talvez porque tem alguma coisa que está deixando o caminho tão difícil que ela vai pra orientação acadêmica pra jogar tudo o negócio e voltar pra aquela briga diária de um curso que ela não quer... elas vão pra orientação acadêmica porque você se permitir que outras pessoas, outras formas de pensar entre em você, é conflituoso, gera conflito [...] (Davi).

[...] você se depara com outras realidades e inseguranças além da sua e aí às vezes a insegurança do outro é tão pequena perto da sua, você está entre medicina e psicologia e o outro está entre engenharia, direito, medicina e dança, aí você fala: porra eu ainda estou bem, né? [...] (Davi).

[...] na orientação acadêmica... conheci outras pessoas que até hoje eu tenho um relacionamento legal... Me servia de confessor... Colocava pra fora tudo que eu sentia... todos os meus preconceitos... pra procurar uma maneira de tentar mudar... pra ver que a vida não é isso... não é essa competição toda... eu soube da orientação ao ver alguém comentando [...] (Luiza).

[...] no primeiro semestre é o momento mesmo de se ter essa orientação. Você chega aqui perdido, você não sabe onde é o PAF... [...] (Luiza).

Escolher uma profissão ainda é, portanto, uma tarefa perpassada pela angústia entre os que estão no processo. Se faz notar, diante das falas acima, o quanto é profícuo um espaço de acolhimento institucional para as diversas questões trazidas pelos alunos. Questões essas atravessadas, muitas vezes, pelas dúvidas e conflitos. Os alunos, em especial aqueles que estão no primeiro semestre, concebem o espaço de orientação acadêmica e profissional como facilitador de processos de aprendizagem da dinâmica universitária e seus desafios.

Recorrendo mais uma vez a Coulon (2008), sabe-se que o primeiro ano é decisivo para “aprender a Instituição”, sendo essencial para afiliar-se intelectual e institucionalmente. Nos encontros, os alunos descreveram a UFBA como um vasto território a ser explorado, contrastando, por vezes, com seus territórios de origem. Diante do novo, relataram suas primeiras impressões (estranhamento, numa linguagem coulôniana), os aprendizados realizados não sem sacrifícios e o início da familiarização com os dispositivos institucionais, como, por exemplo, a escolha do componente curricular. Aqui cabe pontuar que a opção ocorre, muitas vezes, não por uma identificação com a ementa do componente, mas por um cálculo consciente de qual delas possibilitará o ingresso no tão almejado curso de medicina.

As mudanças que têm acontecido na Universidade Nova têm impactado sobremaneira os itinerários dos alunos que adentram a universidade através dos bacharelados interdisciplinares, pois estas modificam a concepção de formação universitária, indo além da lógica apenas profissionalizante. Sendo a concepção curricular do BI muito mais aberta, incertezas dão-se no percurso, conforme relatos abaixo:

[...] eu mesmo tenho que montar minha terceira opção de curso... acho que isso tem que ser trabalhando com o aluno... muitos alunos aqui

eles sofrem pra pegar disciplinas porque eles não sabem como montar sua grade, que disciplinas pegar, que área seguir, porque eles querem medicina e medicina [...] (Moisés).

[...] a minha irmã entrou no semestre passado, ela (era) do BI de Saúde, ela fez ao contrário (de mim), trocou (de curso) [...] (Moisés).

[...] foi lá que eu resolvi mudar de curso (no grupo de orientação) [...] (Moisés).

Apesar de algumas mudanças nas trajetórias acadêmicas, muitos alunos consideram-se certos de sua escolha pelo curso de medicina e isso acarreta, por vezes, a não adesão à riqueza da proposta da orientação acadêmica e profissional, pois não desejam refletir sobre sua escolha de curso, mas saber quais os caminhos menos tortuosos para chegar ao curso desejado, tal como uma receita de bolo. Apesar disso, o manejo grupal pode favorecer o surgimento de questões outras.

Corroborando Bohoslavsky (1977), cremos que a escolha profissional ainda é um momento de crise para muitos. Utilizando-se de técnicas não diretivas, os profissionais de psicologia e afins podem ajudar os sujeitos a efetuar uma passagem, num momento em que se faz necessário escolher. Diante de uma realidade sociocultural em constante mudança, ninguém pode prever o sucesso, mas se pode ajudar os que estão em situação de escolha a construir suas trajetórias.

A orientação acadêmica e profissional, em especial a estratégia grupal, tem se configurado como espaço de ancoragem de sujeitos que se veem desamparados diante dos impasses para a efetivação do sonhado curso. Em diferentes momentos, questões delicadas são colocadas no grupo como, por exemplo, questionamentos sobre o valer ou não à pena lutar durante anos pela tentativa de adentrar num curso de alto prestígio social. Muitos desistem do cursinho pré-vestibular, pois lutam há anos por uma vaga e já dentro da universidade se sentem pressionados pelos pais, pares e sociedade. Verifica-se que alguns alunos estão mais focados no almejado curso de medicina do que no curso inovador do BI. Será que, para eles, o BI em Saúde é uma espécie de trampolim para alcançar outro objetivo? Se assim for, consideramos ser muito difícil, para não dizer impossível, fazer um curso interdisciplinar nos moldes do BI e não ser atravessado por seus efeitos. A permanência da escolha pelo curso de medicina não contraria os objetivos do BI, apenas dá a este a oportunidade de construir, junto ao

alunado, uma formação geral humanística, científica e artística relevante para o futuro exercício da profissão médica.

O espaço de orientação, por fim, é também promotor de mudanças que possibilitam a construção da autonomia dos sujeitos. Como afirmou Pena-Vega (2009), a mudança no ensino superior tradicional tem possibilitado a construção de novos perfis discentes, indo na construção de um novo modelo de ensino superior, pois neste os estudantes são encorajados a tornarem-se sujeitos responsáveis por suas próprias vidas, em vez de apenas escutarem o que devem fazer, tal como relata a estudante abaixo ao olhar para a orientação acadêmica e profissional como espaço de construção de autoria, tendo como base um grupo de “pares” que possibilita a emergência de novas associações e saberes:

[...] sabe o que eu acho, que precisa de mais divulgação... na minha época pouquíssimas pessoas sabiam dessa orientação. Você chega aqui perdido. Eu cheguei num momento conflituoso. Foi legal pra mim... passava muito rápido eu acho que passa muito rápido, quando a conversa tá boa...Eu acho que esse nome é meio assim... orientação acadêmica é uma coisa muito formal... eu pensaria outro nome... Poderia mudar o nome para atrair as pessoas, eu acho. Todo mundo pensa que é uma coisa chata... que vai ficar uma pessoa lá falando o que você tem que fazer... a gente chega cheio de questionamento... Muito estranho... Eu tenho quase certeza que muita gente ia procurar... Pensei isto agora, eu nunca tinha pensado nisso. É engraçado... Acho que falei demais...[...] (Luiza).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos novos cenários, a universidade precisa (re)pensar a si mesma e a relação que estabelece com os seus atores, bem como com a sociedade em tempos de globalização, internacionalização do saber e mudanças no mercado de trabalho. Auxiliar os alunos na tarefa da construção de uma identidade cidadã e profissional, marcada pelo compromisso social, é imprescindível, caso queiramos possibilitar transformações no mundo contemporâneo. Pensar a *trajetória na trajetória* pode ser um mecanismo salutar no que se refere à vida acadêmica e ao futuro do país, pois as universidades federais ainda são os espaços mais fecundos de construção do saber e formação cidadã, apesar dos entraves diversos que há.

Acolher os milhares de alunos que adentram na vida acadêmica e promover modificações nas arquiteturas curriculares nem sempre foi estrategicamente concebido

pela universidade. Os alunos, em especial, poucos têm sido escutados acerca das suas visões de mundo, percursos, dificuldades, estratégias e escolhas. Há um rico material humano que precisa ser analisado, com vista à construção de uma outra universidade. Há potencialidades em nossas estruturas físicas, intelectuais, afetivas e acadêmicas, dentre outras. A orientação acadêmica e profissional, numa universidade que repensa suas estratégias de afiliação, promove contribuições significativas a uma geração que tem experimentado cada vez mais os perigos da desorientação demasiada. Um espaço para que os indivíduos falem de suas angústias e reflitam suas escolhas é defendido por muitos profissionais e pesquisadores.

A experiência do BI em Saúde da UFBA tem sido um terreno fértil de produção teórica e prática (um verdadeiro *campus*, campo ou etnopaisagem, como queiram), que nos ajuda a olhar para os contextos educativos universitários de outra forma. Uma nova geração está sendo formada, cabendo aos adultos do tempo presente promover espaços de acolhida do novo, que emerge para relacionar-se com o antigo sempre novo que nos habita. A universidade é esse espaço onde o antigo - representado pela tradição - e o novo - representado pelos novos cursos e modelos formativos - se encontram. Em uma sociedade que precariza e liquefaz as relações, urgem orientadores e orientadoras que, tal como o filósofo ateniense Sócrates, possibilitem ao indivíduo se interrogar. É importante também pensar sobre o lugar que o adulto, um dos representantes da tradição, ocupa numa sociedade que tem prolongado a adolescência e a juventude, bem como destituído, por vezes demasiadamente, tudo o que lembra o passado, em nome de um futuro desnordeante e não sustentado pelas raízes do passado, que poderiam melhor fincar os indivíduos, ajudando-os, assim, na construção de seus itinerários.

A orientação acadêmica, nesse cenário, pode ser um dos mecanismos que favoreça a permanência dos estudantes na universidade, pois nela há o acompanhamento de um professor/tutor (outro experiente) que faz a função de orientador, contribuindo para a resolução de problemas pedagógicos e daqueles do cotidiano universitário. Importante se faz destacar que o projeto de orientação acadêmica dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA é pensado abarcando a dimensão da orientação profissional, pois há, nas entrelinhas, uma nova concepção de formação universitária para além da lógica restrita de preparo de mão de obra assujeitada aos ditames do mercado de trabalho. Em tempos de não gravidade ou de liquefação, a orientação acadêmica pode

também ser um instrumento bastante eficaz, ainda mais dentro de um contexto que tensionou a lógica da grade curricular, oferecendo aos seus discentes mais maleabilidade e menos rigidez nos processos formativos. De um tempo *Chronos* (marcado pela linearidade), adentra-se ao tempo de *Kairós* (marcado, sobremaneira, pela descontinuidade e imprevisibilidade) (LEHMAN, 2010). Aqui, mais uma vez, ponderamos que uma passagem há que se fazer, ou convívio entre ambas as dimensões do tempo, visto não sermos orientados apenas para o futuro, pois o passado também nos habita e sustenta o presente e o futuro.

Uma das dificuldades no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde diz respeito a como lidar com os alunos que estão focados exclusivamente na disputa pelo curso de medicina, não se permitindo afetar e vivenciar a proposta de formação interdisciplinar em saúde que almeja possibilitar o repensar a formação e atuação profissionais, possibilitando leituras mais críticas do campo da saúde e da realidade social. Outra questão também se coloca: quais itinerários farão os alunos que não conseguirem adentrar no curso de medicina, quando não refletindo na trajetória as outras possibilidades? Esse questionamento foi também feito por alguns alunos, visto muitos não cogitarem uma segunda opção de curso, não levando em consideração a pouca quantidade de vagas.

Há relatos de alunos que ingressam no curso comparando-o à experiência do cursinho pré-vestibular, na expectativa de ser ele mero “trampolim exclusivo para chegar à medicina”. Dessa forma, muitos acabam fazendo uma formação baseada na preocupação demasiada em construir um *score* capaz de levá-lo ao curso almejado, o que interfere nas relações com colegas, professores e na liberdade de escolha de componentes curriculares, gerando também um demasiado mal-estar. Isso não impede que, no decorrer da construção de seus itinerários, os alunos possam ser impactados pela formação interdisciplinar, seidentificando com o curso. A orientação acadêmica e profissional também tem se configurado como espaço para trabalhar essas questões, bem como para construir outros itinerários, se for o caso.

Se novas identidades e roupagens são construídas, conseqüentemente novas formações são inevitáveis para lidar com a complexidade do tempo presente, almejando um pouco mais de solidez numa sociedade que aparentemente se liquefaz. É desejável que as janelas abertas dos novos saberes e modos de existência possam ter, na

universidade, espaços de acolhida e construção do saber, aprendendo a conviver com os antigos saberes e suas roupagens. Sendo assim, a orientação acadêmica e profissional é uma possibilidade de espaço-tempo, promotor de novas subjetivações. Promover miniafiliações é promover macro afiliações. Ou seja, consideramos que as intervenções feitas no cotidiano da universidade reverberam nas políticas públicas atuais do ensino superior de caráter público, pois podem ser capazes de promover afiliações. O contrário também é verdadeiro. Sendo assim, não há dicotomias, mas entrelaçamentos que merecem ser mais bem analisados, num movimento dialógico constitutivo.

Realizar este trabalho foi de grande valia para minha formação, pois possibilitou constatar a necessidade de se ter espaços de acolhida, escuta e orientação aos discentes no ensino superior. Como psicólogo, cientista social, professor do ensino superior privado e cidadão, reconheço em minha prática profissional que muitos são os alunos que demandam orientação, mesmo os mais adultos, não sendo apenas uma demanda dos que são considerados jovens. Não são poucos os relatos no qual se afirma: “professor, eu me sinto perdido...”.

Numa cultura marcada pela “liquidez”, aceleração do tempo, globalização, novas configurações sociopolíticas e mudanças no mercado de trabalho, urge repensar a “formação na formação”, convocando seus principais atores que, muitas vezes, não possuem espaços de escuta, visto que as aulas no ensino superior ainda se baseiam, em sua maioria, no modelo tradicional segundo o qual “o mestre” fala e “os discípulos” reproduzem o dito, apenas escutando. Espaços de orientação acadêmica e profissional são, portanto, dispositivos que podem revolucionar a educação superior brasileira, convocando a autoria de uma das maiores riquezas de uma instituição de ensino que são os seus alunos. Salas de aula e demais espaços formativos devem possibilitar a circulação da fala, intercambiando saberes e promovendo aprendizagens significativas que tenham relação com as demandas do tempo presente e ajudem na construção de novos perfis profissionais, já que muito se fala em formação das futuras lideranças de nosso país. Dessa forma, se almejamos transformação, a educação crítico-reflexiva ainda é uma poderosa “arma”.

Realizar esta pesquisa me convocou diuturnamente a ocupar múltiplos lugares – que descentram a “leitura única” de um fenômeno - na posição de aluno, pesquisador, psicólogo/cientista social e professor, permitindo que pudesse, assim, olhar a partir

dessas diferentes posições, o que me fez perceber questões que, ocupando apenas um desses lugares, nãoconseguiria. A minha prática profissional, portanto, já tem efeitos desse processo ao longo de dois anos. Sendo assim, eu também efetuei uma passagem da condição de estudante a profissional. Entretanto, o meu desejo ainda é sempre ocupar múltiplos lugares, com o intuito de ampliar o olhar na tentativa de melhor compreender a complexidade dos fenômenos sócio-subjetivos, em especial nos espaços de formação educacional.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA-FILHO, N. **Universidade Nova: Textos críticos e esperançosos**. Salvador: EDUFBA, 2007.

ALMEIDA-FILHO, N. SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra: Almedina, 2008.

ALMEIDA-FILHO, N. Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: revolução na educação superior no campo da saúde? In: TEIXEIRA, C. F. COELHO, M. T. A. (Orgs). **Uma experiência inovadora no ensino superior: bacharelado interdisciplinar em saúde**. Salvador: EDUFBA, 2014.p.11-21.

BAIRRAO, José Francisco Miguel Henriques. A escuta participante como procedimento de pesquisa do sagrado enunciante. **Estud. psicol.** Natal, v.10, n.3, p. 441-446, 2005.

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOCK, S. D. **Orientação profissional para as classes pobres**. São Paulo: Cortez, 2010.

BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. In: BOCK, A. M. B. (Org). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 09-22.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BORDAGI, M. ; LASSANCE, M. C. P. ; PARADISO, A. C. MENEZES, I. A. Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. **Psicol. Esc. Educ.** Campinas, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2006.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CASTELLA S. J. Uma perspectiva da orientação profissional para o novo milênio. **Rev. ABOP**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 1999.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psico. Cienc. Prof.** Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-28, 2012.

DIAS, R. N. ; BAIRRÃO, J. F. M. H. Trajetórias Investigativas da Possessão: uma abordagem etnopsicológica. **Psicologia em pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p.220-229, 2013.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesquisa**. Rio de Janeiro, n.115, p. 139-154, 2002.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2004.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do Ego. In Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1920-1922/1969. V.18. p.91-125

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1969. V. 12. p.131-143

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In: Freud. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1969. V 12. p. 38-43

GIMENEZ, P. D. **Adolescência e escolha: um espaço ritual para a escolha através do sandplay e dos sonhos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GOBBATO, G. G. Transferência: amor ao saber. **Ágora**. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 103-114, 2001.

GODOY, D. B. O. A. ; BAIRRÃO, J. F. M. H. Psicanálise e trabalho de campo: uma perspectiva topológica. In: BAIRRÃO, J. F. M. H; COELHO, M. T. A. (Orgs.) **Etnopsicologia no Brasil: teorias, procedimentos, resultados**. Salvador: EDUFBA, 2015. p.72-99.

GODOY, D. B. O. A.; BAIRRÃO, J. F. M. H. O método psicanalítico aplicado à pesquisa social: a estrutura moebiana da alteridade na possessão. **Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p.47-68, 2014.

GOMES, A. R. **Mudança de carreira e transformação da identidade**. São Paulo: LCTE Editora, 2008.

HALL, s. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRTZ, L. U. ; RAITZ, T. R. Revisitando a literatura sobre a escolha e orientação profissional no Brasil. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 11-24, 2010.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

- LEHMAN, Y. P. Orientação profissional na pós modernidade. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 19-30.
- MACEDO, R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.
- MANCIBO, D. Trabalho Docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Fractal Revista de Psicologia**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 19-26, 2008.
- MELMAN, C. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- MINAYO, M. C. S. ; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 237-248, 1993.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MORIN. E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.
- NAGAMI, I. C. **Do trabalho de campo à escrita etnográfica: breves reminiscências sobre o fazer antropológico**. Londrina: UEL, 2014.
- NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, v.15, n.1-2, p. 83-106, 2004.
- PAGLIUSO, L. P.; BAIRRÃO, J. F. M. H. A etnopsicologia: um breve histórico. In: BAIRRÃO, J. F. M. H; COELHO, M. T. A. (Orgs.) **Etnopsicologia no Brasil: teorias, procedimentos, resultados**. Salvador: EDUFBA, 2015. p.14-36.
- PENA-VEGA, A. **O processo de Bolonha no ensino superior da América Latina**. Universidade da França: Observatório internacional da universidade, 2009.
- RIBEIRO, M. M. F. R.; LEAL, S. S.; DIAMANTINO, F. C.; BIANCHI, H. A. A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 405-411; 2011.
- ROCHA, M. N. D. et al. Educação Superior em Saúde: contexto institucional de criação do Bacharelado Interdisciplinar. In: TEIXEIRA, C. F. ; COELHO, M. T. A. **Uma experiência inovadora no ensino superior: Bacharelado Interdisciplinar em Saúde**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 33-52.
- SAMPAIO, S. M. R. (Org). **Observatório da vida estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- SANTOS, B. S.; ALMEIDA-FILHO, N. **A universidade no século XXI: Para uma Universidade nova**. Coimbra: Edições Almedina, 2008.
- SANTOS, B. S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, C. S.; LUDORF, S. M. A. Os ritos de passagem. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 821-113, 2012.

SOARES, D. H. P. A Reorientação profissional-apoio em época de crise. **Rev. ABOP**. Porto Alegre, v.01, n. 1, p.81-88, 1997.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, v.15, n.2, p.18-24, 2003.

TEIXEIRA, C. F. S.; COELHO, M. T. A. D (Orgs). Bacharelado Interdisciplinar: uma proposta inovadora na educação superior em saúde no Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p.1635-1646, jun. 2013.

TEIXEIRA, C. F. S. ; COELHO, M. T. A. D. (Orgs). **Uma experiência inovadora no ensino superior: bacharelado interdisciplinar em saúde**. Salvador: EDUFBA, 2014.

TOMMASINO, K. ; JEOLÁS, L. S. O trote como um ritual de passagem: o universal e o particular. **Revista mediações**, Londrina, v.5, n.2, p-29-49, jul./dez. 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Proposta de inclusão da Universidade Federal da Bahia no Programa de Apoio a Programas de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)**. Salvador/BA, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Projeto pedagógico dos bacharelados interdisciplinares**. Salvador/BA, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde**. Salvador: UFBA, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Coordenação acadêmica – **Programa de orientação acadêmica**. Salvador: UFBA, 2011.

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA , I. D. (Orgs). **Orientação Vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos**. São Paulo: Vetor, 2004.

WANDERLEY, L. E. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Ondina – CEP 40.170-115, Salvador, Bahia | (71) 3283-6790  
[eisu@ufba.br](mailto:eisu@ufba.br) | [www.eisu.ihac.ufba.br](http://www.eisu.ihac.ufba.br)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

### 1. DADOS SOBRE A PESQUISA

Pesquisador: Adailton Conceição de Souza – Telefone: (71) 81564398/87833610/93033220 – Email: [adailtonsouza12@gmail.com](mailto:adailtonsouza12@gmail.com)

Função: Estudante – Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade – EISU / Formação: Psicologia – Inscrição Conselho Regional: CRP 03/6933 e Cientista Social/Sociólogo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Título da Pesquisa: Orientação acadêmica no BI em Saúde da UFBA: do tempo institucionalizado ao tempo do sujeito.

Duração da Pesquisa: 24 meses (2013.2 – 2015.1)

### 2. REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO ENTREVISTADOR AO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Objetivos: Analisar as contribuições possíveis da orientação acadêmica aos processos formativos dos alunos do bacharelado interdisciplinar em saúde da UFBA. Enquanto objetivos específicos, almeja-se discutir sobre os impactos da orientação acadêmica nas trajetórias dos discentes do BI em Saúde da UFBA; refletir sobre as estratégias e desafios encontrados pelos discentes ao adentrar na vida universitária; investigar as contribuições da psicanálise para o manejo de grupos em processos de orientação acadêmica nos Bis em saúde da UFBA que favoreçam a implicação subjetiva dos sujeitos, respeitando o tempo de cada um; favorecer espaços que possibilitem reflexão sobre as questões que permeiam a cena acadêmica dos discentes no contexto educacional do BI em saúde da UFBA e analisar como se dão os processos constituidores das diferentes afiliações dos graduandos do BI em saúde da UFBA.

Justificativa:

Estudos tem demonstrado que no primeiro ano universitário há considerável evasão, que traz uma série de prejuízos, inclusive de ordem financeira aos cofres do Estado, que é mantido com os impostos da coletividade. Nesse contexto, esta pesquisa é relevante, na medida em que pode trazer contribuições para o entendimento de como o processo de orientação acadêmica possibilita a construção de estratégias coletivas e singulares de entrada/pertencimento à vida universitária. Sendo assim, pode servir como exemplo de um dispositivo institucional a ser utilizado em outros contextos, que impacta a cena universitária e seus atores. A hipótese que aqui se coloca é a seguinte: a orientação acadêmica tem se configurado como um dispositivo institucional que pode favorecer a produção de estratégias para lidar com as demandas universitárias, podendo também favorecer a implicação dos sujeitos, respeitando a dimensão temporal dos percursos e itinerários de cada um, ou seja, a singularidade, sobretudo em “tempos modernos”, nos quais se afirma que “tempo é dinheiro”. No exercício de minha prática docente e atuação com grupos, tenho percebido os efeitos da escuta, quando esta possibilita a implicação dos sujeitos que se põem a falar sobre suas questões. Que espaços teria a universidade para a escuta das questões trazidas pelos discentes? Esta pesquisa pode ampliar a reflexão dessa questão a partir das relações entre a psicanálise, a etnografia e a universidade, favorecendo avanços no que se refere à construção de uma universidade mais democrática e que saiba lidar com a diversidade que constitui a vida social. Impactos também podem ser produzidos na relação que os discentes estabelecem com o saber tecido na universidade e com a própria instituição.

Participantes da Pesquisa: Serão convidados a participar desta pesquisa estudantes que já participam ou desejam participar da orientação acadêmica oferecida pelo Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, com idade igual ou superior a 18 anos. A orientação acadêmica é feita em grupo em horários pré-estabelecidos. Se necessário, utilizar-se-á também questionário/entrevista individual àqueles que demonstrem interesse e disponibilidade em participar deste estudo de forma livre e espontânea.

#### Metodologia:

Para o desenvolvimento desta pesquisa, faz-se uma escolha metodológica a partir dos pressupostos da vertente qualitativa, visto que a mesma tem como enfoque não a generalização dos dados, mas o aprofundamento destes a partir da coleta de dados. Os dados serão coletados em um grupo de orientação acadêmica que tem ocorrido semanalmente na UFBA, composto por alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. A participação dos alunos é livre, por isso o número de participantes é variável. A proposta do grupo é possibilitar um espaço de escuta para que os discentes possam falar de suas questões e construir estratégias de afiliação à vida universitária. Ao se trabalhar com grupos, sabe-se que a psicanálise tem contribuído consideravelmente com o manejo e intervenções nos mesmos, inclusive levando em conta dimensões inconscientes que perpassam a vida psíquica. Os efeitos do método clínico se fazem perceber no trabalho com grupos. Um simples convite para conversar pode possibilitar o surgimento de temas desconcertantes muitas vezes presentes em práticas pedagógicas ligadas à sexualidade, gênero, raça, etnia, diferenças, religiosidade, indisciplina, fracasso escolar, situação econômica, indisciplina, toxicomania. Esses temas circunscrevem o mal estar cotidiano. A orientação acadêmica pode ser configurar

enquanto espaço de construção de pontes entre o coletivo e o singular. Salienta-se que, após os encontros, haverá a transcrição dos relatos e posterior análise dos dados, à luz do referencial teórico adotado. Entrevistas realizadas no processo de pesquisa terão o intuito de aprofundar as experiências dos discentes nos processos de afiliação, levando em conta a dimensão subjetiva dos sujeitos. A análise do discurso servirá como instrumento para análise das falas dos respectivos entrevistados.

**Benefícios:** Possibilitar que o dispositivo denominado orientação acadêmica seja analisado a fim de contribuir para as práticas universitárias, em especial às que se referem aos processos de escolha profissional e elaboração das questões que perpassam a entrada na vida universitária. Outros benefícios podem se dar como possibilitar estratégias de afiliação universitária e reflexões sobre temáticas que atravessam a vida estudantil.

**Riscos da Pesquisa:** Acredita-se que os riscos sejam mínimos, ainda assim, por ocasião das entrevistas, existe a possibilidade que sentimentos sejam aflorados e conseqüentemente a elevação da carga emocional. Especificamente, nesses casos, a/o participante será acolhida/o de acordo com a necessidade individual. Será facultado ainda, seu encaminhamento ao Serviço Médico Universitário da instituição ou clínicas de Psicologia.

**Danos advindos da pesquisa:** Caso haja algum prejuízo decorrente da realização deste estudo, será providenciada a devida reparação dos danos através dos responsáveis pelo estudo, ou seja, o mestrando Adailton Conceição de Souza e sua orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho. O pesquisador e as/os entrevistadas/os não receberão benefícios financeiros para participação no estudo. Portanto, todas as despesas serão por conta do mestrando/pesquisador.

### 3. ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

As/aos estudantes que aceitarem participar da pesquisa serão garantidos:

- 3.1** Acesso a qualquer tempo, às informações sobre riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas;
- 3.2** Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade de sua atividade junto à instituição;
- 3.3** Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

### 4. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

INICIAIS DO NOME: \_\_\_\_\_

Declaro que fui informada(o) da proposta de trabalho a ser realizada pelo pesquisador Adailton Conceição de Souza e aceito participar de forma voluntária do estudo, autorizando a utilização do conteúdo das minhas falas e de informações para fins científicos, porém, respeitando com sigilo absoluto as informações confidenciais, conforme preconiza a Resolução nº.466/2012, do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta pesquisas com seres humanos. Este documento será assinado em duas vias pelo pesquisador e participante, sendo que tanto o pesquisador quanto a/o participante ficarão com uma via datada e assinada.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2013.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) Participante  
RG nº. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Adailton Conceição de Souza  
Pesquisador  
RG: nº. 07450139-96 SSP-BA

## Roteiro de Entrevista

### 1. IDENTIFICAÇÃO

Iniciais do nome:		( ) Homem ( ) Mulher
Idade:	Religião:	Estado Civil:
Curso:		Semestre:
Ano de ingresso na Universidade:		Provável ano de conclusão do curso:
Email:		Telefone:
Possui outra Graduação: ( ) Sim ( ) Não		Qual/Quais?
Possui alguma formação acadêmica incompleta? : ( ) Sim ( ) Não		Qual/Quais?
Naturalidade e Nacionalidade:		Renda familiar aproximada: + ou _ R\$:
Cor autodeclarada	( ) Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Perda ( ) Preta	
Formação acadêmica do Pai/responsável:		
Formação acadêmica da mãe/responsável:		
Profissão do Pai/responsável:		
Profissão da mãe/responsável:		
Local de nascimento:		
Cidade onde residia (caso não seja de Salvador):		
Egresso de escola: ( ) Pública ( ) Privada Qual/cidade?		
Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Viúvo ( ) Separado ( ) Outros		
Você trabalha? Em que área?		
Qual curso você deseja escolher?		
Opção		
1 _____		
_____		
Opção		
2 _____		
_____		
Opção		
3 _____		
_____		

Quantas pessoas há em sua família nuclear?
Quais as dificuldades que você enfrentou para passar no vestibular?
Quais as dificuldades que você enfrentou ao entrar na universidade?
Quais contribuições a orientação acadêmica tem possibilitado à sua formação?
O que te motivou no processo de escolha do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde?
Quais desafios você tem enfrentado em relação à sua trajetória acadêmica/profissional?
Quais estratégias você utiliza para lidar com a dinâmica acadêmica e seus desafios?

